



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

JOSÉ CARLOS SILVA MARTINS

Sentido e Valor de uma Vida em Sofrimento
Reflexão e proposta pedagógica para o atual Programa de
EMRC

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof. Doutor António Martins e Mestre Juan Francisco Ambrosio

Lisboa
2017

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe, que nestes últimos tempos tem vivido, na fé, o que aqui é abordado, sendo para todos os que a rodeiam um testemunho de fortaleza, serenidade e de sentido cristão no seu sofrimento e debilidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a todos os professores deste Mestrado em Ciências Religiosas e de um modo especial aos professores, Doutor António Martins e Mestre Juan Francisco Ambrósio, que viram nesta proposta um trabalho positivo e de interesse, ainda que difícil, os quais não só me orientaram como me animaram continuamente a prosseguir para que o mesmo pudesse chegar a bom porto.

Dirijo também neste sentido, um agradecimento muito especial ao meu antigo colega de Seminário e hoje Professor de Moral da Pessoa na Universidade de S. Dâmaso em Madrid, Doutor Ignacio Serrada Sotil, sem o qual não me teria sido possível concretizá-lo.

Agradeço igualmente de modo muito especial e afetuoso a todos os colegas e amigos com que me cruzei ao longo deste curso, que tanto me ajudaram e me animaram, principalmente nos momentos mais difíceis deste curso, de um modo particular à Ana Ferreira, Marisa Gago, Filipa Nobre, Mafalda Henriques, Sónia Pagarete, Hercília Silva, Sara Ramos, Pe. Luís Reyes, Pe. José Manuel Pacheco, Susana Querido e Irmã Irene.

Agradeço também de coração ao irmão na fé e amigo, o engenheiro e missionário João Quenino, que teve a paciência de o revisar e formatar por completo.

No âmbito da fé e da aprendizagem cristã, dirijo o meu reconhecimento a S. João Paulo II e sua Carta Apostólica *Salvifici Doloris* que me abriu o coração e a mente para entender e acolher um pouco mais sobre o mistério do sofrimento e que é no fundo o grande lucro de todo este percurso.

Por fim expresso a minha mais profunda gratidão e reconhecimento à minha família, esposa e filha, que sem seu sacrifício, paciência e “sofrimentos” ao longo destes anos, não teria sido possível esta “boa-aventura” chegar a seu término.

Bem hajam a todos.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo abordar o tema do sentido e do valor de uma vida em sofrimento para o atual Programa da disciplina curricular da Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC). Ele nasce da constatação de uma notória ausência de tão importante tema no Programa. Fazer sentir a necessidade da busca de um sentido e um valor para a vida numa situação de sofrimento, abrindo assim horizontes de esperança na esfera do amor e do serviço nestas situações de carga extremamente negativa, é um dos campos privilegiados do ser-se humano e da missão cristã. E conseqüentemente um dos campos que devem também estar privilegiados nas distintas abordagens da disciplina da EMRC. O presente trabalho aborda os pontos principais do relevante tema nos seus aspectos mais fundamentais a partir da Carta Apostólica *Salvifici Doloris* de João Paulo II, expõe de seguida a análise do atual Programa da disciplina na perspectiva da presença ou ausência do tema nele e termina numa proposta pedagógica para o mesmo, dentro dos limites de um trabalho para um aluno do Mestrado em Ciências Religiosas.

Palavras-chave

Sentido, Sofrimento, Esperança, Serviço, Educação Moral e Religiosa Católica, Programa Curricular, Carta Apostólica *Salvifici Doloris*.

ABSTRACT

The present work aims to address the meaning and value of a life in distress and suffering" issue in the current curricular schedule school program of Moral Studies and Catholic Religion (EMRC). This arises from the verification that such an important issue is seriously lacking within the programme. Feeling the need of reaching out for a meaning in a suffering situation, opening horizons of hope, love and service in this negative situations, is indeed one of the privileged fields of It's one of the privileged fields of the humanity and also christian mission. And consequently one of the issues that should also be privileged in the various important topics of the teaching of EMRC. First, the present work addresses the issue in its fundamental aspects from the readings of the Apostolic Letter *Salvifici Doloris* of John Paul II, then presents a full analysis of the current school program in the perspective of the presence or absence of this issue and ends with a pedagogical proposal of the same, within the limits of an M.A. Religious Studies student.

Keywords

Meaning, Suffering, Hope, Service, Catholic Moral and Religious Education, Curriculum, Apostolic Letter *Salvifici Doloris*.

ÍNDICE

ÍNDICE	5
INTRODUÇÃO GERAL	7
1ª PARTE - O SOFRIMENTO, SENTIDO E VALOR.	9
Introdução à 1ª parte	10
1 - Pontos de referência	11
1.1 - A importância e necessidade de sentido no ser humano	11
1.2 - Uma esclarecimento e delimitação dos conceitos implícitos no termo sofrimento	13
1.3 - Outros pontos de referência necessários	15
2 - Sentido e valor do sofrimento	16
2.1 - Budismo, uma resposta com alguns problemas à questão do sofrimento	16
2.2 - A questão do sofrimento, do mal e sua relação com Deus	19
2.3 - O sentido de uma vida em sofrimento na Revelação	21
2.3.1 - Os vários sentidos e valor de uma vida em sofrimento encontrados ao longo da Revelação	23
2.3.1.1 - O sofrimento como castigo	23
2.3.1.2 - O sofrimento como purificação	24
2.3.1.3 - O sofrimento como prova	25
2.3.1.4 - O sofrimento do inocente	26
2.3.2 - A Revelação do mistério do sofrimento em Cristo – O sofrimento vencido pelo Amor	28
2.4 - A participação nos sofrimentos de Cristo	33
Conclusão da 1ª parte	36
2ª PARTE - ANÁLISE DO PROGRAMA E DOS MANUAIS DE EMRC SOBRE A QUESTÃO DO VALOR E SENTIDO DA VIDA EM SOFRIMENTO	38
1 - O Programa	39
1.1 - Finalidades	40
1.2 - Domínios	40
1.3 - Metas	41
2 - Uma análise e justificção do enquadramento do tema no programa: Finalidades, Domínios, Metas, Níveis de Ensino e Unidades Letivas	42
2.1 - Finalidades, Domínios e Metas	42
2.2 - Diferentes Níveis de Ensino e respectivas Unidades Letivas	45
3 - Análise ao tema nos Manuais de EMRC.	47
Conclusão da 2ª parte	52
3ª PARTE – PROPOSTA PEDAGÓGICA	54
Introdução	56
1 - Apresentação do Programa e do Manual da Unidade Letiva nº 6 – “Um Sentido para a Vida” e local de inserção da Proposta Pedagógica nos mesmos.	56
1.1 - Programa da Unidade Letiva nº 6	56
1.2 - Proposta do Manual para o desenvolvimento do Programa da Unidade Letiva nº 6	57

1.3 - Inserção da Proposta Pedagógica para trabalhar o tema do sentido e valor de uma vida em sofrimento na Unidade Letiva nº 6	58
1.4 - Planificação Nível 3 – Por Unidade Letiva	59
2 - A Proposta Pedagógica em si: uma aula sobre o sentido e valor de uma vida em sofrimento.	61
2.1 - Estrutura geral da aula	61
2.2 - Descrição da aula	61
2.3 - Planificação Nível 4 – Por aula	63
CONCLUSÃO GERAL	64
BIBLIOGRAFIA	65

INTRODUÇÃO GERAL

É referido na primeira parte da apresentação do Programa para a Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica - EMRC-, após se relevar a necessidade e importância da Educação Cristã, que um projeto de educação tem de promover o desenvolvimento equilibrado de todas as dimensões do ser humano e que: “a educação é o percurso da personalização e não apenas da socialização e da formação para a cidadania. A educação autêntica é a educação integral da pessoa”. E conclui esta primeira parte da apresentação com o seguinte: “EMRC é um contributo (...) para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos”.¹ É neste ponto do campo da educação integral da pessoa, mais propriamente na construção do desenvolvimento harmonioso de cada ser humano em todas as suas dimensões, ou como diz a Dr.^a Cristina Sá Carvalho, o longo caminho de aperfeiçoamento da pessoa humana², ao qual a disciplina de EMRC está vocacionada logo de raiz a colaborar, que se insere este trabalho de final de curso.

Sobre a enorme importância da questão do valor e sentido da vida numa situação de sofrimento, penso que certamente todos estarão de acordo com uma abordagem construtiva do tema aquando da educação dos jovens e adolescentes, pois como nos alerta o Livro de Coelet: “Lembra-te (jovem) de teu Criador nos dias da juventude, antes de chegarem os dias maus e de virem anos em que dirás: ‘eles não me agradam nada’”.³ É que os “dias maus” chegam a todos⁴ e ter uma postura positiva, de sentido e valor perante estes dias, que aqui interpreto como sendo de sofrimento pessoal, torna-se fundamental para a continuidade da vivência de uma existência com dignidade e sentido.

Penso também que se torna dever evangélico fazer esta abordagem, uma vez que a resposta mais completa ao sentido e valor do sofrimento, foi dado à humanidade por Deus, em Cristo. Jesus não só o venceu, como lhe dá uma iluminação, um sentido e um valor na esfera do amor e do serviço. O ser humano encontra assim em Deus, a completude e o aperfeiçoamento de sua natureza autónoma sobre esta realidade. Realidade esta que de um modo muito particular encontra muitas dificuldades na admissão de um sentido quando os sofrimentos provêm de situações em que não estão conectados diretamente a qualquer causa, como pode ser o das doenças prolongadas ou o sofrimento dos inocentes que sofrem as consequências dos pecados dos demais.

Pretende-se pois essencialmente com este trabalho, chamar a atenção para esta dimensão da vida, “empalavrá-la”⁵ no fundo, a qual se encontra bastante, senão mesmo quase totalmente omissa no Programa da disciplina de EMRC e nos seus desenvolvimentos propostos. Penso que é importante dizer que não se pretende que este trabalho seja, por um lado, alguma pretensiosa

¹ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Ed. SNEC, Lisboa 2014, pág. II.

² Cf. Cristina Sá Carvalho, *Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica*, in *Revista de Catequese e Educação* nº 31-32 (2015) pág. 59.

³ Ecl. 12, 1 - Utilizo em todo este trabalho, no que se refere a citações bíblicas, a Bíblia de Jerusalém, Nova Edição Revista e Aumentada. Ed. Paulus, São Paulo 1985.

⁴ Cf. Luciano Manicardi, *L'umano soffrire*, Edições Qiqajon, Comunidade di Bose, Magnano 2006, pág. 5.

⁵ Termo traduzido da obra de Luís Duch, *Mito, interpretación y cultura*, Ed. Herder, Barcelona 1998.

abordagem do género de uma monografia sobre o mistério que é o sofrimento e o mal ou até mesmo alguma presumida teodiceia e por outro, que se apresente também como um candidato a uma proposta oficial de introdução no Programa da EMRC da questão em causa. Dentro destes contextos deixo desde já um alerta para algumas debilidades que o mesmo possa conter, principalmente as que se podem vislumbrar na sua primeira parte, pois reconheço que este é um delicado e bastante difícil, embora importantíssimo tema, motivo inclusive de grandes controvérsias e divergências. Nem eu mesmo me vejo nesta altura com alguns dos requisitos necessários para fazer um trabalho mais profundo nesse sentido, daí uma manifesta dependência encontrada relativamente ao grande documento da Igreja sobre o assunto, a Carta Apostólica *Salvifici Doloris* de S. João Paulo II (1984) e a um outro trabalho sobre esta mesma Carta Apostólica, a tese do Professor Doutor Ignacio Serrada, professor de Moral da Pessoa na Universidade de S. Dâmaso de Madrid.⁶

Este trabalho desenvolver-se-á portanto em três partes. A primeira consistirá numa apresentação e desenvolvimento de alguns pontos essenciais da questão, tendo por base na sua essência geral a Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, de S. João Paulo II. Na segunda parte se tratará de expor a análise do importante tema e sua exploração no Programa atual da EMRC assim como nas propostas de desenvolvimento do mesmo que são os Manuais. Por fim, a terceira parte deste trabalho se desenvolverá ao redor de uma proposta pedagógica concreta do mesmo, que consiste numa aula sobre o valor e sentido de uma vida em sofrimento, para o Ensino Secundário.

Deixo para finalizar esta introdução, as palavras de S. João Paulo II sobre a necessidade da importância da abordagem deste mistério e o respeito que dele emana a qualquer vida em situação de sofrimento.

“Nele (sofrimento humano), efetivamente, está contida a grandeza de um mistério específico. Este respeito particular por todo e qualquer sofrimento humano deve ficar assente no princípio de quanto vai ser explanado a seguir, que promana da necessidade mais profunda do coração, bem como de um imperativo da fé. Estes dois motivos parecem aproximar-se particularmente um do outro e unir-se entre si, quanto ao tema do sofrimento: a necessidade do coração impõe-nos vencer a timidez; e o imperativo da fé — formulado, por exemplo, nas palavras de São Paulo citadas no início — proporciona o conteúdo, em nome e em virtude da qual nós ousamos tocar naquilo que parece ser tão intangível em cada um dos homens; efetivamente, o homem no seu sofrimento permanece um mistério intangível.”⁷

⁶ Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’ de Juan Pablo II*; Tesina de Licenciatura en Teología Moral; Facultad de Teología San Dámaso; Madrid 2006.

⁷ João Paulo II, *Carta Apostólica Salvifici Doloris*, nº4 - (A partir de agora citarei este documento apenas no seu título e número).

1ª PARTE

SENTIDO E VALOR DE UMA VIDA EM SOFRIMENTO.

Introdução à primeira parte

É inegável que o sofrimento é uma realidade universal, próprio da situação de vida em que se encontra envolto o ser humano, assim como em toda a natureza apesar das profundas diferenças que podemos encontrar no modo distinto de como o ser humano vive o sofrimento relativamente ao restante mundo natural,⁸ e como tal transversal a qualquer local, cultura, filosofia, religião e tempo. A sabedoria popular reflete esta dimensão através do conhecido refrão “de que entramos neste mundo chorando”. Nesta linguagem simples e simbólica, mas não totalmente isenta de sentido, diz-se que estamos condicionados ao sofrimento desde o início e que o mesmo marca a existência humana como uma das principais realidades da própria vida.⁹ Diz S. João Paulo II: “O sofrimento é de certo modo o destino do homem, que nasce sofrendo, passa sua vida em aflições e chega ao seu fim, a eternidade, através da morte que é uma grande purificação pela qual todos temos de passar.”¹⁰

Parece que neste aspeto, na verificação de que esta é uma realidade universal e abrangente a todos os seres humanos e a toda a vida inclusive, existe uma concordância universal. Ignacio Serrada porém questiona se no valor e no sentido do sofrimento existe também esta concordância universal.¹¹ Parece que não. Para este segundo aspeto as posições já não são assim tão concordantes, uma vez que muitos não veem qualquer valor ou sentido a uma vida em situação de sofrimento quando este não está associado a uma causa direta, como por exemplo as religiosas, políticas, ideológicas, sociais, relacionais, vendo-o muitas vezes apenas e exclusivamente como uma realidade puramente negativa, sem valor positivo algum que possa ser integrado, valorado e com significado na vida. Porém, será assim mesmo? Poderá esta realidade e dimensão da vida tão marcantes não poder possuir qualquer valor ou sentido na maioria dos casos, uma vez que as situações de sofrimento mais frequentes e esmagadoras são aquelas provindas da doença, da debilitação, da agonia, dos sofrimentos causados pela maldade dos demais? Serão estas vidas assim em situação de sofrimento um absurdo total, não só sem sentido algum como que negando inclusive qualquer possibilidade dele? S. João Paulo II, na continuação da citação do parágrafo anterior, conclui assim em forma de apelo sobre a realidade inegável do sofrimento na vida e sua possibilidade de se encontrar um sentido até nas situações mais difíceis em Deus: “Daqui a importância de descobrir o sentido cristão do sofrimento humano”.¹² Esse sentido não está dado à partida. É necessário descobri-lo.

⁸ “Cabe decir que no pueden ponerse al mismo nivel el hombre y el resto de los animales, pues hay una diferencia clara, que es la imposibilidad del animal para salir de sí, la incapacidad de realizar una posición excéntrica, de percibirse a sí mismo como ser que sufre. Debe afirmarse que el poder sufrir es privilegio del ser humano, un ser reflexivo, cuyas reacciones a los fenómenos dolorosos tienen una cualidad única: no son meros fenómenos expresivos, sino auténticas crisis existenciales”. - Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’ de Juan Pablo II*; Tesina de Licenciatura en Teología Moral; Facultad de Teología San Dámaso; Madrid 2006, pág. 48.

⁹ Vitor Frankl, refere numa de suas obras, *Homo patiens*, que a essência do homem é o sofrimento, irá designá-lo assim mesmo como título. Cf. Vitor Frankl, *El hombre doliente, Fundamentos antropológicos de la psicoterapia*, Edições Herder, Barcelona 2000, Pág. 256.

¹⁰ Juan Pablo II, *Orar, pensamiento espiritual*, Edições Planeta, Barcelona, 1998, pág. 42, citado por Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’ de Juan Pablo II*, pág. 6.

¹¹ Cf. Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’ de Juan Pablo II*, pág. 4.

¹² Juan Pablo II, *Orar, pensamiento espiritual*, Edições Planeta, Barcelona, 1998, pág. 42, citado por Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’ de Juan Pablo II*, pág. 6.

1. Pontos de referência necessários

1.1 A importância e necessidade da atribuição de sentido

A busca e a atribuição de um sentido, de um significado e valor às coisas, nomeadamente ao próprio existir, ao universo e principalmente a questão do sentido último, é uma necessidade fundamental do ser humano, que se escreve nos fatores da liberdade, da vontade e do agir com que o mesmo caminha e se constrói face à sua plenitude.¹³

Um dos autores mais marcantes da contemporaneidade que abordou esta necessidade superior de sentido é Vítor Frankl¹⁴, que a desenvolve na sua teoria da Logoterapia,¹⁵ debruçando-se de um modo muito particular sobre o sentido do sofrimento. Foi a partir de sua experiência de prisioneiro nos campos de concentração nazis que começou a reparar que aqueles que melhor resistiam aos sofrimentos eram os que tinham um sentido de um dever, de uma obrigação, fosse ela religiosa, cultural, social, política ou sobre alguém a quem estavam relacionados e que mantinham a esperança de voltar a encontrar.¹⁶

“O sentido da vida, concluiu Frankl, era o segredo da força de alguns homens, enquanto outros, privados de uma razão para suportar o sofrimento exterior, eram açoitados desde dentro por um tirano ainda mais perverso que Hitler - o sentimento de viver uma futilidade absurda”.¹⁷

Diz o psiquiatra austríaco que “o que de facto impulsiona o homem não é nem a vontade de poder (como aponta Adler) nem a vontade de prazer (como diz Freud), mas sim a vontade de sentido.”¹⁸ E adianta sobre as características do sentido que este não é moldado pela mente, não é uma construção mental ao arbítrio de cada um, mas, pelo contrário, é a mente que é moldada pelo sentido encontrado. “Não é a pessoa que se deve interrogar sobre o sentido da vida, mas perceber que é a vida que a interroga sobre isso” ou dito de outro modo, “em vez de criar um sentido, a mente tem de submeter-se a ele, uma vez encontrado.”¹⁹ Esta é uma das grandes revoluções que Frankl traz à psicologia, conhecida como a revolução copernicana da psicologia.²⁰

O sentido sai assim, em Frankl, da esfera de uma mera construção cultural ou subjetiva para passar a ser visto como uma realidade ontológica. Por isso, “urge a todo o ser humano a necessidade de dar um sentido e significado à sua vida e à história, incluso ao sofrimento e de o integrar na vida”.²¹

Descobre-se com Vítor Frankl que a busca de um sentido para as coisas e para a vida não só faz parte do ser-se humano como também o caracteriza. Porém, de todas as dimensões e realidades em que a vida humana se vê envolvida e confrontada, serão as realidades do

¹³ Cf. Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica 'Salvifici Doloris' de Juan Pablo II*, págs. 10 – 11.

¹⁴ Vítor Frankl, 1905 – 1997, austríaco, foi médico psiquiatra, fundador da Escola da Logoterapia ou Psicologia do Sentido da Vida ou ainda Terceira Escola Vienense em Psicoterapia.

¹⁵ Cf. Ivo Studart Pereira, *Mundo e Sentido na Obra de Viktor Frankl*, in *Revista Psico*, nº 2 (2008), pág. 159.

¹⁶ Cf. Olavo de Carvalho, *O imbecil coletivo II*, Edições Topbooks, Rio de Janeiro 1998, pág. 146.

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ Neir Moreira e Adriano Holanda, *Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa*, in *Revista Psico USF*, (2010), pág. 346.

¹⁹ Olavo de Carvalho, *O imbecil coletivo II*, pág. 147.

²⁰ Cf. Ivo Studart Pereira, *Mundo e Sentido na Obra de Viktor Frankl*, pág. 159.

²¹ Neir Moreira e Adriano Holanda, *Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa*, pág. 346.

sofrimento, da dor e morte daquelas que mais crise de sentido provocam, podendo-se apresentar até mesmo com uma total ausência de sentido. E, no entanto, torna-se imprescindível que cada ser humano busque e encontre um sentido para essas mesmas realidades, a fim de não sucumbir a uma vida sem mais nenhum outro significado que não seja um viver vazio, um viver apenas por viver. Para Vítor Frankl o verdadeiro sofrimento é o padecer de uma vida sem sentido.

Para além das causas somáticas e psíquicas do sofrimento humano, o autor reconhece que este sofrimento profundo é de origem espiritual, provindo da experiência do absurdo e da perda do sentido da vida: "O homem, dizia ele, pode suportar tudo, menos a falta de sentido."²² E dá este exemplo: "o que deprime as pessoas não é o desemprego em si (algo comum na sociedade atual), mas a sensação de falta de sentido decorrente disto."²³ Diz Frankl: "Quem conhece um sentido para a sua vida encontra, na consciência desse fato, mais do que em outra fonte, ajuda para a superação das dificuldades externas e dos desconfortos internos."²⁴

Vítor Frankl considerará que o ser humano é capaz de conseguir encontrar esse sentido por força da sua dimensão espiritual.²⁵ Esse é o trabalho da Logoterapia, que ajuda a cada um encontrar de novo a sua dimensão espiritual e através dela poder dar um significado e sentido às situações que vive, mesmo as mais absurdas e sórdidas. "O homem, por força de sua dimensão espiritual, pode encontrar sentido em cada situação da vida e dar-lhe uma resposta adequada."²⁶

O pensamento de Vítor Frankl está baseado na crença, fruto de sua experiência pessoal, de que o fim último da existência humana tem uma meta fora do próprio indivíduo, finalidade esta que lhe dá o sentido da própria existência – o sentido último da vida.

Serrada faz por sua vez uma distinção importante sobre este sentido último da vida, necessário, o qual não se pode apresentar ao ser humano como algo extrínseco, como uma lei externa, imposta, sobre a qual cada um deve moldar seu agir, resultando nisso uma avaliação de bem ou de mal a vida de cada um, segundo a adequou mais ou menos a essa lei. Esse sentido último é dado pelo sentido tomado das próprias ações humanas, que são o resultado da dinâmica da descoberta de um sentido que precede o ser humano e pelo qual ele descobre, primeiro, que suas ações não são absolutas e segundo, que é por esse sentido ulterior que pode escolher o melhor e caminhar para a plenitude de sua vida.²⁷

“Esta é a experiência moral: a dignidade última da vida está em que tem um sentido, não pelo mero facto de se viver: a vida física não é o definitivo, senão pela vocação que esta encerra. Há que afirmar que viver por viver não é o sentido da vida. A partir daqui,

²² Cf. Olavo de Carvalho, *O imbecil coletivo II*, pág. 147.

²³ Neir Moreira e Adriano Holanda, *Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa*, pág.347.

²⁴ Larissa Assunção Rodrigues, Lúcio Alves de Barros, *Sobre o fundador da Logoterapia: Vítor Emil Frankl e sua contribuição à psicologia*, in *Revista Estudos* nº 36, (2009) pág. 11.

²⁵ A dimensão espiritual ou o espiritual em Vítor Frankl corresponde ao livre no ser humano. A própria designação de pessoa corresponde aquela parte do ser humano que pode comportar-se livremente em qualquer situação, que pode confrontar-se tanto às situações que o rodeiam como às suas próprias interiores, conseguindo ultrapassar as barreiras que se lhe oferecem e encontrar assim um sentido em cada situação. Cf. Vítor Frankl, *El hombre doliente, Fundamentos antropológicos de la psicoterapia*, Edições Herder, Barcelona 2000, pág. 174.

²⁶ *Ibidem*, pág. 347.

²⁷ Cf. Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica 'Salvifici Doloris' de Juan Pablo II*, pág. 11.

realidades como o sofrimento, a dor e a morte alcançam uma seriedade e uma profundidade nada artificiais.”²⁸

Para concluir este ponto sobre a necessidade de sentido e particularizar para o sentido do sofrimento propriamente dito, diz assim João Paulo II na Carta Apostólica *Salvifici Doloris*: “Só o homem, ao sofrer, sabe que sofre e se pergunta o porquê; e sofre de um modo humanamente ainda mais profundo se não encontra uma resposta satisfatória”.²⁹ A busca então de um sentido, o encontro do mesmo e a moldagem a esse sentido encontrado, torna-se passo fundamental para a essência do que é ser-se verdadeiramente humano. De um modo particular nesta dinâmica destaque-se, pelas suas características próprias, a dimensão do sentido e do valor da vida numa situação de sofrimento.

1.2 Uma aclaração e delimitação da generalidade dos conceitos implícitos no termo sofrimento

Poder-se dizer que a palavra sofrimento na língua portuguesa é genérica de uma série de situações distintas que têm em comum o facto de pelo menos e no mínimo conterem não só sensações bastante desagradáveis como também serem contrárias a um estado de vida que se quer e deseja desenrolar em construção e projeto. Em última instância o sofrimento apresenta-se como algo adverso à própria vida, algo que parece retirar da existência toda e qualquer possibilidade de realização da mesma, e que vai muito para além de um sentido meramente físico, mas de algo profundamente antagónico à vida com um carácter transcendental³⁰. João Paulo II diz o sofrimento como

“Um campo muito mais vasto, muito mais diversificado e mais pluridimensional que somente o sofrimento físico, o sofrimento da doença. (...) O homem sofre de diversas maneiras, (...) o sofrimento é algo mais amplo e mais complexo do que a doença e, ao mesmo tempo, algo mais profundamente enraizado na própria humanidade. É-nos dada uma certa ideia quanto a este problema pela distinção entre sofrimento físico e sofrimento moral. Esta distinção toma como fundamento a dupla dimensão do ser humano e indica o elemento corporal e espiritual como o imediato ou direto sujeito do sofrimento. Ainda que se possam usar, até certo ponto, como sinónimas as palavras ‘sofrimento’ e ‘dor’, o sofrimento físico dá-se quando, seja de que modo for, ‘dói’ o corpo; enquanto que o sofrimento moral é ‘dor da alma’. Trata-se, de facto, da dor de tipo espiritual e não apenas da dimensão «psíquica» da dor, que anda sempre junta tanto com o sofrimento moral, como com o sofrimento físico. A amplidão do sofrimento moral e a multiplicidade das suas formas não são menores do que as do sofrimento físico”.³¹

²⁸ *Ibidem*.

²⁹ Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, nº 9.

³⁰ Angelino Tchindombe Kamati, *O Sentido do Sofrimento Humano À luz da Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’*, Dissertação Final de Mestrado em Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2014, pág. 21.

³¹ Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, nº 5.

Encontra-se na Sagrada Escritura, nomeadamente nos distintos sofrimentos que recaem sobre o Servo de Yahweh de Isaías 53, uma descrição bastante completa destes vários tipos de sofrimentos que podem acometer o homem. Neles estão os sofrimentos físicos, psicológicos, sociais e espirituais.³²

‘eseb – O sofrimento proveniente do trabalho (os trabalhos do servo), segundo Genesis e as consequências do pecado.

ke’eb (mak’ob)- uma dor ou sofrimento profundo e extremo que atinge o núcleo central da vida. Profunda experiência de aniquilação que destrói inclusive as relações com os demais, marginalizando o ser humano. Apresenta-se ligado aos matizes de sofrimento como pedagogia, como consequência do pecado e como inexplicável (o Homem das dores).

naga’ – um sofrimento carregado de uma forte componente jurídica, por vezes um castigo; uma punição. Nestes casos os castigos vêm sempre por Deus. O substantivo nega’ pode também querer dizer lepra ou outras doenças corporais semelhantes. Um sofrimento físico e existencial que remete a pessoa para fora da comunidade, logo para fora da relação de amizade com Deus. Uma morte antecipada. Um corte com Deus e com os outros.

‘amal – uma vida que se dilui numa existência passiva, sem objetivos e metas.

chalah (choli) – um sofrimento físico e psicológico.

‘anah – pobre; miserável; humilhado.³³

Importa referir também outras características tipificadoras das situações de vida em sofrimento que assumem também alguma relevância no modo como incidem na vivência, no sentido e valor que se possam encontrar nessas situações: o tempo – uma situação de sofrimento com carácter transitório ou definitivo conhecido -; a origem – um sofrimento natural, provocado ou associado a um objetivo ou causa tomados.

É diferente o modo como se vive³⁴ o sofrimento se se sabe à partida que tem uma dimensão temporal, que terminará, como por exemplo, certas doenças no período convalescente necessário ou alguém que se submete a uma operação e passa determinado tempo limitado numa situação de sofrimento mas que é necessário para recompor a saúde, alguém que é preso por

³² Cf. João Duarte Lourenço, *O Sofrimento no Pensamento Bíblico – ‘Releituras Hermenêuticas’ de Isaías 53*, Edições Universidade Católica, Lisboa 2006, págs. 32 – 42.

³³ *Ibidem*.

³⁴ Penso que há que ter em conta que estas características referidas não se apresentam assim tão linearmente distintas, seja no paciente seja até naqueles que assistem, podendo e acontecendo com frequência, confundir sua percepção na medida em que alguns sofrimentos transitórios podem adquirir uma característica de definitivos e alguns naturais podem adquirir uma carga de terem sido provocados, como por exemplo, a percepção de que são um castigo enviado por Deus e não apenas uma mera consequência das limitações das e dinâmicas da própria existência natural. Este possível falseamento de percepções liga-se profundamente à questão da busca de sentido e valor do sofrimento, pois no ser humano, ao contrário dos animais que sofrem numa aceitação natural resignada, o sofrimento de que alguém padece tem de ser integrado no sentido e valor que determina a existência desse ser humano em particular. A este respeito diz S. João Paulo II na Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, n° 2: “Ainda que os sofrimentos do mundo dos animais sejam bem conhecidos e estejam próximos ao homem, aquilo que nós exprimimos com a palavra «sofrimento» parece entender particularmente algo essencial à natureza humana. É algo tão profundo como o homem, precisamente porque manifesta a seu modo aquela profundidade que é própria do homem e, a seu modo, a supera. O sofrimento parece pertencer à transcendência do homem; é um daqueles pontos em que o homem está, em certo sentido, «destinado» a superar-se a si mesmo; e é chamado de modo misterioso a fazê-lo”.

certo tempo, do modo como alguém que sofre uma situação sem o vislumbre de uma perspectiva salvífica a longo ou curto prazo, como por exemplo um doente de uma doença incurável.

Por seu lado a origem encontrada ou atribuída a um sofrimento influencia fortemente o seu sentido e valor. São vários os fatores que interagindo entre si influem nesta questão, tendo como resultado uma variadíssima e complexa composição de respostas distintas. Os principais fatores em questão são:

- a) A própria percepção da origem, que nem sempre é clara e objetiva, tanto na pessoa que padece como noutras de seu entorno e que influem na interpretação do mesmo.
- b) Se a origem provém de causas naturais, de outros seres humanos ou de Deus.
- c) O grau de relação que possui o “causador” com o sofrente.
- d) O fator da maior inocência ou culpabilidade de quem padece.
- e) Se os sofrimentos têm sua origem numa ação voluntária por parte do sujeito. É que uma situação de vida em sofrimento encontra sentido e valor quando ligado diretamente a uma causa ou a um objetivo tomados pela pessoa, como por exemplo, os sofrimentos que são consequentes pelos cuidados de alguém que se ama. Os mais difíceis de encontrar sentido ou que provocam maior crise são aqueles que não estão associados a qualquer objetivo, como por exemplo, uma doença de carácter terminal, dolorosa e paralisante ou a situação dos presos dos campos de concentração.

1.3 Outros pontos de referência necessários.

Penso que há a necessidade de fazer uma referência à falsa percepção de que quando se fala em sofrimento, fala-se como se se tratasse de uma realidade ontológica de existência própria ou algo abstrato fora do homem. O sofrimento não existe nestas dimensões, o sofrimento “manifesta-se sempre unido a uma pessoa concreta.”³⁵ E neste trabalho esta é a posição tomada quando se refere a palavra “sofrimento”.

Também há a referir que não se pode falar e compreender o sentido e o valor de uma vida em sofrimento principalmente nas situações em que este não se associa diretamente a uma causa, sem que haja por detrás uma certa referência à transcendência, como também refere Frankl quando fala do sentido último,³⁶ que para o cristianismo e para a disciplina de EMRC são as referências a Deus, à Ressurreição (Glorificação), à Escatologia e vocação última do homem, que é no fundo o Amor e o próprio Mistério que ele encerra. João Paulo II, na Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, acompanha sempre a palavra sofrimento de outras duas: sentido e valor salvífico. É essencialmente nestes marcos que se desenrola este trabalho.

Outra referência necessária para este trabalho, a fim de não criar dúvidas de sentido de uma conceção teológica errada que possa parecer que o sofrimento é algo que a Deus agrada e se deva procura-lo, é que quando se fala de sofrimento, fala-se no sentido original da palavra grega *patós* (πάθος) a qual significa na primeira e mais antiga aceção, ser golpeado desde o

³⁵Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’ de Juan Pablo II*; pág. 4.

³⁶ Cf. Neir Moreira e Adriano Holanda, *Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa*, pág. 354.

exterior, independentemente da determinação positiva ou negativa do evento que golpeia.³⁷ Trata-se portanto de algo que não se escolhe, não se elege, não se procura, senão que surge.

Em quarto lugar não se deve entender a questão do sofrimento numa conceção dualista do ser humano que separa a racionalidade³⁸ do sentir físico e do afeto. De facto na questão do sofrimento é todo o ser humano, na sua unidade, que fica implicado. Ninguém diz: “o dedo grande da minha mão direita tem uma dor”, senão que: “tenho uma dor no dedo; está-me doendo o dedo.” “A compreensão do ser humano como unidade e não como um composto é imprescindível para poder abordar uma reflexão sobre o sofrimento”.³⁹ É neste sentido unitário que este trabalho se refere quando se fala de vida em sofrimento.

2. Sentido e valor do sofrimento

Porque sofremos? Qual o sentido do sofrimento? Estas nada pequenas questões encerram nelas não só o núcleo de todo este assunto, como também são um dos principais núcleos ativos da busca humana do significado, sentido e valor para a existência. Penso que sem grande erro ou exagero podem-se muito bem juntar estas questões às outras grandes questões que sempre acompanharam a humanidade: “O que é o mundo? Deus existe? Quem sou? De onde venho e para onde vou? Qual o sentido da vida? Que devo fazer? Porque sofro?” Poder-se-á dizer com Pinckaers que

“O sofrimento faz parte do humano mais profundo, daquelas experiências humanas fundamentais e necessárias que servem de guia para descobrir o verdadeiramente humano, a distância entre o que somos e aquilo para o qual ainda estamos a caminho. (...) O humano manifesta-se particularmente na prova, no seio do sofrimento que toca o homem na sua intimidade e lhe revela as realidades essenciais.”⁴⁰

Para o teólogo Karl Rahner falar do mistério do sofrimento é tocar no próprio mistério do ser humano.⁴¹ Estamos assim perante uma das questões fundamentais que contextualizam a existência humana e falar dela, como já se disse anteriormente, é imperioso e necessário.

2.1 O Budismo, uma resposta à questão do sentido e do valor de uma vida em sofrimento.

Começo a parte principal do corpo do trabalho fazendo referencia a uma resposta histórica, concreta e objetiva à questão do sofrimento vinda do oriente – o budismo. Penso que

³⁷ Cf. Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’ de Juan Pablo II*; pág. 34.

³⁸ “Limitarse a una concepción racionalista del hombre, que relegue la afectividad a un segundo plano considerado como «zona irracional», donde realidades como los deseos, el amor o el sufrimiento encuentran su lugar, supone caer en un reduccionismo que no concuerda con la experiencia real del hombre”. *Ibidem*, pág. 40

³⁹ *Ibidem*, pág. 36.

⁴⁰ Pinckaers, *Las fuentes de la moral cristiana*, Ed. Eunsa, Pamplona 2000, pág. 127, citado por Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’ de Juan Pablo II*, pág. 41.

⁴¹ Cf. Karl Rahner, *Por que razão nos deixa sofrer Deus?* Editorial Franciscana, Braga 2011, pág. 9.

só por si mesmo, uma abordagem ao budismo teria o seu lugar num trabalho como este, mas mais ainda é necessária quando o mesmo possui hoje uma influência tão relevante e marcante na busca e produção de sentido no mundo ocidental.⁴² Penso que faz falta apresentar aos alunos, juntamente com a exposição da via budista de resposta ao sofrimento, uma leitura crítica da mesma dentro dos parâmetros do cristianismo, não obstante todo o mérito que esta tentativa de resposta e de sentido ao sofrimento alcançou e alcança hoje.

A história de Buda⁴³, conta que o nobre príncipe Siddhartha Gautama ao sair do conforto de seu palácio ficou profundamente chocado pelo sofrimento e miséria que viu no mundo e sentiu a necessidade profunda de buscar “uma resposta para o sentido da existência humana e a libertação do sofrimento que o nascimento, a velhice e a morte trazem consigo.”⁴⁴ Intentando essa solução por vários caminhos, não a encontrou nem na austeridade, nem no caminho dos prazeres, descobrindo que ambos condicionam o ser humano. O caminho dos prazeres condiciona pela fugacidade e escravização que proporcionam aos mesmos, os quais deixam um vazio e uma insatisfação que não preenche de verdadeira felicidade o homem. O caminho da ascese é por si também uma prática carregada de insatisfação e sofrimentos constantes causados pela luta interminável contra o corpo e seus sentidos. Determinado a descobrir a verdade, é então que o príncipe descobre, naquilo que é considerado um rasgo de iluminação religiosa,⁴⁵ a *dukkha*, a primeira nobre verdade do budismo que afirma que o sofrimento é uma característica básica do universo, e que no ser humano ele é causado por sua insaciável sede ou desejo (*trishna*), de busca de felicidade, a qual a faz erradamente na relação com os elementos ou pessoas, que são sempre transitórios e insubstanciais, causando por isso uma frustração e um sofrimento profundos. Esta é a segunda nobre verdade do budismo. Com estas descobertas o príncipe Siddhartha torna-se Buda, o iluminado e iniciará um outro caminho de libertação em relação a tudo aquilo que faz sofrer, a denominada terceira via. Esta não consiste portanto, nem no apego, nem na negação ou aversão a qualquer elemento ou alteridades que existam. Se então aquilo que provoca o sofrimento no ser humano é o seu desejo, o qual, para Buda, está inseparavelmente unido ao apego que possuímos pelo eu empírico⁴⁶, então o sofrimento desaparecerá se eliminarmos o desejo. Esta é a terceira verdade, (a *maya*). Através do desaparecimento do desejo, elimina-se o sofrimento que ele comporta, atingindo assim o ser humano, o estado de nirvana, onde experimenta “a total serenidade e libertação.”⁴⁷ A eliminação do desejo faz-se pelo nobre caminho óctuplo, a quarta verdade do budismo, que consiste num caminho de meditação, ética e sabedoria, sendo a meditação aquela que leva ao estado de nirvana. A doutrina de Buda (o dharma) está assente nestas quatro verdades: *dukkha*, *trishna*, *maya* e *nobre caminho óctuplo*.

⁴² Cf. Fina Antón Hurtado, *Los nuevos movimientos religiosos como productores de sentido*, in *Estudios de Juventud*, nº 53, Junho 2001, pág. 33 – 41.

⁴³ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Horizontes de esperança*, Manual do Aluno de EMRC, 9º ano, Edições Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã, Lisboa 2010, pág. 109.

⁴⁴ *Ibidem*.

⁴⁵ Cf. *Ibidem*.

⁴⁶ Para Buda o desejo está inseparavelmente unido ao apego que possuímos pelo eu empírico, que uma vez eliminado, fará alguém chegar ao verdadeiro eu não ilusório, no qual está a verdade pura e a existência verdadeira. Cf. Père Joseph-Marie Verlinde, *La experiência prohibida, del ashram al monastério*, Edições Monte Carmelo, Burgos 2003, pg. 96.

⁴⁷ Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Horizontes de esperança*, Manual do Aluno de EMRC, 9º ano, pág. 108.

Por oferecer uma solução à questão do sofrimento, o budismo pode ser considerado uma doutrina positiva nesse sentido. Porém oferece alguns problemas quando analisado um pouco mais aprofundadamente. A questão do desejo como algo negativo e a eliminar é um destes problemas, sobre ele diz Pérez-Soba:

“O desejo manifesta uma verdade no homem que relaciona este com o mistério. É uma verdade que há que conhecer para saber integrá-la. Querê-la ignorar é o que faz o desejo temível, pretendê-la vencer é o que o faz inexpugnável. A dificuldade maior da verdade do desejo é a potencialidade infinita do mesmo. Esta é uma característica ineludível, a fonte da dor para o budismo, a necessidade de domínio para o helenismo e o temor de descobrir um absoluto indomável para a modernidade.”⁴⁸

Outra questão que o budismo coloca como problemática tem a ver com o modo da eliminação no sujeito do desejo. Joseph-Marie Verlinde⁴⁹ diz na descrição que faz das práticas orientais de meditação, entre elas o budismo que nisto não se diferencia das demais correntes orientais,⁵⁰ que aquilo que acontece através da meditação, ao qual comumente se designa por estados alterados de consciência ou consciência dilatada, não o são assim na realidade, uma vez que não são estados de consciência, senão estados de uma não consciência. “A *con-scien*cia é a presença ante o próprio do seu agir ou saber. O animal sabe, mas desconhece-o, não sabe que sabe, o homem por seu lado fica ante seu próprio saber e agir, que lhe permite refletir sobre os mesmos.”⁵¹ Diz o professor, que os tais estados atingidos, fruto das técnicas de meditação, são a suspensão do estado de consciência natural, onde um inibe qualquer desejo, reflexão ou crítica que são considerados distrações. “Acontece neste assim ‘estado alterado’ o desaparecimento do eu, como sujeito pessoal responsável e consciente de seus atos e surge como que uma dissolução do indivíduo, do polo pessoal unificador, pelo contexto envolvente”.⁵² “Esta experiência é muito gratificante”, diz, “pois produz uma sensação de bem-estar onde as tensões desaparecem juntamente com o eu a que elas afetam,”⁵³ - a expressão serenamente feliz do Buda. Explicitando melhor este efeito, o autor diz que o verbo sofrer para poder conjugar-se tem de ter consigo um pronome pessoal: eu, - eu sofro. Se o pronome desaparece na meditação desaparece também o verbo com ele. Estamos assim perante um certo “estado de coma” produzido através das técnicas de meditação. A eliminação do desejo no budismo não é mais do que a eliminação de sua fonte, a eliminação do eu empírico.⁵⁴

⁴⁸ Pérez-Soba, Deseo, libertad y felicidad», in *Communio* nº 22, (2000), pág. 300, citado por Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’ de Juan Pablo II*, pág. 46.

⁴⁹ O padre e religioso belga, Joseph-Marie Verlinde, é um antigo professor de Epistemologia e Filosofia da Natureza da Universidade Católica de Lyon e antigo mestre de meditação transcendental tendo vivido vários anos em ashrams no Oriente.

⁵⁰ Cf. Père Joseph-Marie Verlinde, *La experiência prohibida, del ashram al monastério*, pág. 96.

⁵¹ *Ibidem*.

⁵² *Ibidem*, pág. 97.

⁵³ *Ibidem*.

⁵⁴ “El budismo primitivo admite una distinción entre el *yo empírico e ilusorio*, por una parte, y por otra, el estado último, *nirvánico*, que podríamos llamar el *verdadero yo* (...) La liberación se obtiene por la aniquilación del deseo que está inseparablemente unido con nuestro apego a la identidad del yo empírico”. Dumoulin, Heinrich *Para entender el budismo*, Ediciones Mensajero, Bilbao 1997, pág. 54. 64, citado por Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’ de Juan Pablo II*, pág. 45.

Mas esta eliminação do eu empírico na meditação só é tomado sobre um ponto de vista negativo se considerarmos que o nosso eu empírico é real, algo que a antropologia hindu e budista considera como falso⁵⁵ e esta perspectiva é um problema no Ocidente e na antropologia cristã. No regresso destes estados, diz Joseph-Marie Verlinde, as coisas ficam exatamente na mesma de como estavam. São como que experiências profundas anestésicas da realidade. O autor refere ainda que no Oriente toda a alteridade tende a desaparecer, assim como a própria pessoa - ser de e em relação. A pessoa, o eu pessoal é visto negativamente por ser uma ilusão da realidade. O *outro*, é igualmente visto do mesmo modo e por isso não tomado em conta.⁵⁶ Se pensarmos que a compaixão que o budismo manifesta contraria esta postura, o autor adverte:

“Mesmo a compaixão manifestada pelo budismo não se pode comparar à caridade cristã, pois essa compaixão por todo o vivo, está em função do progresso da libertação pessoal, como uma sua etapa, que depois será abandonada mais tarde, enquanto no cristianismo o amor ao outro é ponto de partida, de caminho e de chegada, é ponto fulcral.”⁵⁷

Penso que devido à grande influência que estas doutrinas estão tendo no ocidente havia que abordar estes aspetos relativos ao budismo e a alguns dos principais problemas que oferece a toda esta questão do sofrimento, como resposta que é ao mesmo. Penso também que foi respeitosa que as coloquei.

2.2 A questão do sofrimento, do mal e sua relação com Deus

Sufrimento e mal estão profundamente ligados como diz a Carta Apostólica *Salvifici Doloris* – “Pode-se dizer que o homem sofre, quando ele experimenta um mal qualquer. A relação entre sofrimento e mal, no vocabulário do Antigo Testamento, é posta em evidência como identidade”⁵⁸. Mas esta identificação está no Antigo Testamento pela falta de uma palavra adequada que revele a verdadeira experiência do sofrimento e sua relação com o mal. Será o termo *πάσχω* (*paskô*) das traduções gregas da Bíblia e do Novo Testamento que corrigirá esta identidade, dando o verdadeiro mote da relação neste sentido: *paskô* indicará o sentido do homem que prova o mal e ao prová-lo se faz sujeito do sofrimento.⁵⁹ Esta é a postura da Revelação e isto é bem distinto do sentido do sofrimento ser diretamente identificável com o mal em si.

A modernidade ao deixar a Revelação como ponto de referência volta-se para os princípios racionalistas da Filosofia e traz de novo o debate da coexistência simultânea de um Deus criador e bondoso com o problema do mal. Os famosos paradoxos de Epicuro⁶⁰ (séc. III A. C) tinham

⁵⁵ Cf. Père Joseph-Marie Verlinde, *La experiência prohibida, del ashram al monastério*, pág. 96

⁵⁶ *Ibidem*.

⁵⁷ *Ibidem*.

⁵⁸ Carta Apostólica *Salvifici Doloris* nº 7.

⁵⁹ Cf. *Ibidem*.

⁶⁰ - Deus enquanto onisciente e onipotente tem conhecimento de todo o mal e poder para acabar com ele, porém não o faz., logo não é omnibenovolente.

- Deus enquanto onipotente e omnibenovolente tem poder para extinguir o mal e quer fazê-lo, pois é bom e pode, mas não o faz, uma vez que não sabe quanto mal existe e onde está, logo não é onisciente.

- Deus enquanto onisciente e omnibenovolente sabe de todo o mal que existe e quer mudá-lo, mas não o faz, pois não é capaz, logo, não é onipotente.

Conclusão: Deus não existe.

lançado já há mais de dois mil anos este dilema cuja solução leva obrigatoriamente à declaração, em última instância, que Deus não existe, pois se existe e o mal continua existindo ou não é bondadoso, ou não é onipotente ou não é onisciente, em suma, não é Deus e por último não existe.⁶¹ Isto levou Leibniz a uma resposta de defesa de Deus colocada nos mesmos termos racionalistas em que se colocavam as objeções. Surge assim a Teodiceia que procura justificar racionalmente a existência de Deus e de Sua bondade apesar do mal e do sofrimento. Porém e seguindo a mesma opinião de Ignacio Serrada, a resposta à questão não se pode fazer nos termos racionalistas por se tornar insolúvel por si mesma e por conduzir a uma multiplicidade interminável de outras questões adjacentes como a liberdade, como a questão ou não do mal como fazendo parte da finitude deste mundo e da conseqüente questão deste mundo ser o melhor possível, etc.⁶² É de referir ainda que, por seu lado, a modernidade, “ao matar a Deus”, fazendo sobressair o homem, irá carregar sobre este todo o peso da questão do mal e do sofrimento.⁶³ As objeções levantadas contra Deus levantam-se contra o próprio homem na modernidade, surgindo, por isso, algo que tipifica nossa sociedade: a super-responsabilidade e a super-culpabilidade.⁶⁴ Se há algo que fica em causa nisto tudo é o próprio ser humano. O cristianismo ao não dissociar Deus do problema, mas inclusive introduzi-Lo no amago da questão, salva o ser humano, retirando este da solidão em que fica “diante de uma força que tem todos os seus direitos contra ele.”⁶⁵ Será principalmente na Revelação que podemos encontrar outra resposta muito mais existencial, a qual deixando o plano teórico das discussões, aterriza na situação daquele que experimenta o sofrimento e o mal, mostrando um Deus que não só não está fora deste mundo, como se introduz nele⁶⁶ em todas as suas dimensões. Dentro delas e de um modo muito especial, estão as dimensões do mal, do sofrimento e da morte.

Nas referências bíblicas, esta questão do sofrimento e do mal não põe em causa a Deus, tanto no que respeita à sua existência como à sua bondade. Tão pouco O coloca num tribunal, seja para acusá-Lo, seja para defendê-Lo, como faz a argumentação filosófica. Não significa isto que na Revelação se encontre a questão do mal e do sofrimento totalmente esclarecidas nos seus pontos. Existe uma parte de um mistério nestas dimensões assim como no homem e em Deus que a própria Escritura faz questão de tê-la sempre presente. O conhecimento de Israel de Deus, que é antes de toda e qualquer reflexão uma experiência de que Yahweh é único e bondoso, fará a partir daí a leitura de que o sofrimento e o mal não são ou não poderão ser a última palavra, senão que se abrem a um domínio de Deus sobre eles, que levará à sua supressão dando lugar à felicidade, alegria, vida e glória finais, porque Yahweh ama Israel. Isto contrasta em definitivo com as conceções teológicas e cosmológicas gregas que se anteveem por detrás dos argumentos de Epicuro, pois o mal e o sofrimento adquirem no mundo da filosofia grega não só uma identificação, como principalmente a característica de uma identidade própria, uma essência ontológica, que é oposta a outra, a do bem. É a visão dualista que responde à questão

⁶¹ Uma outra possibilidade que se tira como corolário na análise das premissas é a da existência de uma outra entidade semelhante a Deus de igual poder e onisciência, mas de sinal contrário - um deus mau.

⁶² Cf. Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica 'Salvifici Doloris' de Juan Pablo II*, pág. 54.

⁶³ Cf. Adolphe Geshé, *El mal*, Edições Sígueme, Salamanca, 2002, págs. 43 – 45.

⁶⁴ Cf. *Ibidem*, pág. 44.

⁶⁵ *Ibidem*.

⁶⁶ O Iluminismo aceitou a falsa imagem de um Deus distante ou ausente e isso promoverá um recuo na compreensão de Deus que deixa de ser Emanuel, o Deus conosco. Cf., Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica 'Salvifici Doloris' de Juan Pablo II*, pág. 54.

do mal e do sofrimento dando-lhe um peso igual ao do bem e remetendo-o para um drama sem solução. Para os gregos e para o dualismo, o sentido transitório do mal e do sofrimento que se abre a uma esperança, não existe nem poderia existir como acontece com Israel.

João Paulo II na Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, explicita como na Revelação se entende a questão do mal e sua conexão com o sofrimento:

“Esta pergunta - o que é o mal? - parece inseparável, num certo sentido, do tema do ‘sofrimento’. A resposta cristã neste ponto é diversa daquela que é dada por certas tradições culturais e religiosas, para as quais a existência é um mal de que é necessário libertar-se. O Cristianismo proclama que a existência é essencialmente um bem e o bem daquilo que existe; professa a bondade do Criador e proclama o bem das criaturas. O homem sofre por causa do mal, que é uma certa falta, limitação ou distorção do bem. Poder-se-ia dizer que o homem sofre por causa de um bem do qual não participa, do qual é, num certo sentido, excluído, ou do qual ele próprio se privou. Sofre em particular quando ‘deveria’ ter participação num determinado bem — segundo a ordem normal das coisas — e não a tem. Por conseguinte, no conceito cristão a realidade do sofrimento explica-se por meio do mal que, de certa maneira, está sempre em referência a um bem.”⁶⁷

Em resumo, a tradição cristã entende o mal essencialmente como a ausência do bem, de um bem do qual não se participa e se devia participar e que é daí que advém o sofrimento.⁶⁸

Sobre as interrogações humanas sobre o mal e o sofrimento, penso que se torna interessante notar que as mesmas se remetem com muita frequência ao próprio Deus, numa espécie de tribunal, mesmo nos casos onde se sabe que Deus não está implicado no mal acontecido e cuja origem ou é o próprio homem ou o mundo nas suas contingências.⁶⁹ Diz João Paulo II que “Deus não só tolera as nossas questões sobre o sentido do sofrimento, mas quer procurar-nos para as colocarmos a Ele, quer nos responder e quer que nós compreendamos sua resposta.”⁷⁰

2.3 O sentido e valor de uma vida em sofrimento na Revelação

Penso pois que é na Revelação que se pode encontrar o sentido, valor e finalidade mais altos e mais completos às questões que se levantam sobre o sofrimento e o mal. A abertura à

⁶⁷ Carta Apostólica *Salvifici Doloris* nº 7.

⁶⁸ É interessante como S. Tomás de Aquino responde à questão do mal: “*Deve-se dizer que, como o branco, também o mal se diz de dois modos. Pois, de um modo, quando se diz branco, pode entender-se o que é sujeito da brancura; de outro modo, branco se diz do que é branco enquanto branco, ou seja, do acidente mesmo. E, semelhantemente, o mal pode entender-se, de um modo, como o que é sujeito do mal, e neste sentido é algo; de outro modo, pode-se entender como o próprio mal, e neste sentido não é algo, mas sim a privação mesma de algum bem particular.*

Para maior compreensão disto, é preciso saber que propriamente o bem é algo enquanto é apetecível, pois, segundo o Filósofo no livro I da Ética, definiram corretamente o bem os que disseram ser o bem o que todas as coisas apetecem; mas o mal se diz do que se opõe ao bem, donde ser conveniente que o mal seja o que se opõe ao apetecível enquanto tal. É impossível, todavia, que este seja algo. (...) Digo, por conseguinte, que o mal não é algo, embora aquilo que sucede ser mau seja algo, uma vez que o mal não priva senão de um bem particular; assim como o ser cego não é algo, ao passo que aquilo a que sucede o ser cego é algo”. Santo Tomás de Aquino, *Sobre o mal*, Tomo I, *Questão 1, Artigo 1*. Edições Sétimo Selo, Rio de Janeiro 2005.

⁶⁹ Cf. Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, nº 9.

⁷⁰ *Ibidem*.

transcendência e que Vítor Frankl reconhece como fundamental na hora de atribuição de sentido, encontra na Revelação Cristã, a meu ver e para esta disciplina da EMRC, a resposta dada por Deus às grandes questões que o homem levanta. Penso também que fora de uma abertura à transcendência, isto é, partindo exclusivamente de uma visão imanentista da existência, seja muito difícil encontrar um sentido e um valor a uma situação de vida em sofrimento quando este se caracteriza por aquele sofrimento que irrompe na vida como golpe inesperado. Nesta perspectiva puramente imanentista da existência, a busca de um sentido deste tipo de sofrimento fica fechada na razão humana, numa interrogação de difícil resposta positiva.⁷¹

Esta resposta que a Revelação dá, tão pouco se pode entender como uma resposta precisa e exata do género de uma resolução matemática que resolva de imediato e sem dúvidas a questão. Estamos perante uma questão que é “Mistério e que entra no Mistério do próprio homem”, como diz Karl Rahner.⁷² Mas isto não quer dizer que a questão deixe de ser razoável e que a razão não entre na busca do sentido do sofrimento, porém sem a fé revelada ela não consegue penetrar na profundidade “radical do ser e de seu mistério.”⁷³ A fé, por sua vez, sem a razão, entrará no campo do sentimento e do subjetivismo, do risco, do mito e da superstição, tornando-se numa proposta não universal que não falará ao mais profundo do coração de cada homem. Será, pois, na Revelação, principalmente no Novo Testamento, que se ancora no Antigo, que se abrem horizontes inauditos de caminhos de resposta profunda ao sentido e valor de uma vida em sofrimento e também à questão do mal. É em Jesus Cristo, visto também à luz das profecias do Antigo Testamento, que Deus dá, não tanto uma resposta cabal a estas questões, mas antes um caminho compartilhado de um diálogo íntimo n’Aquele que o venceu por Amor. O que se pretende dizer em resumo é que Deus, que é Amor, e que dá sentido a tudo, de um modo especial ao sofrimento em todas as suas dimensões, encontra-se definitivamente revelado no Evangelho, em Jesus, seu Filho, nosso Senhor e nosso Irmão.

Antes de entrar nos sentidos mais estritos que se encontram na Revelação, há a referir ainda um ponto importante em toda esta questão e que é o estado de contingência que caracteriza o Universo, o qual provem da vontade de Deus que assim o quis até que atinja sua perfeição última.⁷⁴ Porém este estado de contingência possui dinâmicas próprias que não são só de construção, como também de destruição; que não são só de existência de coisas mais perfeitas como também de outras menos perfeitas.⁷⁵ Muitos dos sofrimentos experienciados pela criação provêm pois desta característica. Porém Deus não se afastou da Sua criação senão que a assiste, que provê.⁷⁶ E estas duas dimensões, um universo a caminho de sua perfeição⁷⁷ e a provisão de Deus, são pontos fundamentais para o entendimento do que aqui se trata, pois

⁷¹ Cf. Adolphe Geshé, *El mal*, págs. 43 – 45

⁷² Karl Rahner, *Por que razão nos deixa sofrer Deus?*, pág. 9.

⁷³ Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’ de Juan Pablo II*, pág. 56.

⁷⁴ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, Gráfica de Coimbra, Coimbra 1993, nº 310.

⁷⁵ Cf. *Ibidem*, nº 310.

⁷⁶ Cf. Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, nº 10.

⁷⁷ Torna-se pois importante saber como horizonte de esperança para o sentido e valor de uma vida em sofrimento que a realização plena do projeto de Amor de Deus para com a Criação, o seu expoente final, já aconteceu no desenrolar da história, em Cristo, como um protótipo do estado último que se espera e para onde o criado caminha. Cf. Col. 1, 15 e Hb. 1, 3

existe uma dinâmica de assistência da parte de Deus, a que se chama História da Salvação, que tem o objetivo de que a mesma Criação, nomeadamente o ser humano, atinja sua meta sem se perder, porque imerso na liberdade que o configura, tal pode suceder.⁷⁸ O que se pretende dizer em resumo, é que o Deus que é Amor e que dá sentido a tudo, de um modo especial ao sofrimento em todas as suas dimensões, encontra-se definitivamente revelado no Evangelho, em Jesus, seu Filho, nosso Senhor e nosso Irmão.

2.3.1 - Os vários sentidos e valor de uma vida em sofrimento encontrados ao longo da Revelação

2.3.1.1 - O sofrimento como castigo

O entendimento do sofrimento como um castigo consequente das faltas (pecados) é o mais antigo encontrado na Sagrada Escritura e talvez também um dos mais entranháveis ao ser humano, o qual se apresenta como o principal sentido para o sofrimento até ao Exílio, mais propriamente até a Isaías 53 onde haverá uma mudança radical no modo de entender o sofrimento que influenciará todas as conceções do mesmo a partir daí.⁷⁹ Este sentido refere o sofrimento como a pena correspondente que Deus inflige ao homem por suas faltas.⁸⁰ É o sentido de uma justiça retributiva: Deus castiga o culpado e premeia o honrado.⁸¹ Todo o sofrimento existente em alguém seria entendido a partir daqui, a partir das faltas à Aliança e do castigo correspondente, tendo por detrás uma visão de Deus como o Supremo Legislador e Juiz a que há que temer.

Sendo na prática o único sentido que havia para entender o sofrimento em alguém, esta articulação, sofrimento–pecado, era aplicada mesmo quando não houvessem faltas que se pudessem apontar, imputando na pessoa inocente as faltas das pessoas das gerações mais próximas.⁸² Haverá mais tarde com os profetas, principalmente com Ezequiel, uma evolução nesta conceção dos filhos que pagam pelas faltas dos pais, em que cada um pagará somente por seus próprios delitos. Porém, apesar desta evolução que o profeta traz, continua a verificar-se que esta conceção do pagamento das faltas dos pais nos filhos não se perderá totalmente, perdurando até ao Novo Testamento quando vemos os apóstolos perguntar a Jesus se o cego de nascença estava cego por causa de seus pecados ou por causa dos pecados de seus pais.⁸³ O sofrimento seria então o indicador, às vezes usado cruelmente para exclusão social, de uma culpa objetiva, tal como a riqueza e a saúde seriam os indicadores de uma vida honrada e

⁷⁸ S. Agostinho justifica assim esta característica da liberdade da criação: “Deus todo-poderoso [...] sendo soberanamente bom, nunca permitiria que qualquer mal existisse nas suas obras se não fosse suficientemente poderoso e bom para do próprio mal, fazer surgir o bem”. *Catecismo da Igreja Católica*, nº 311

⁷⁹ Cf. João Duarte Lourenço, *O Sofrimento no Pensamento Bíblico – ‘Releituras Hermenêuticas’ de Isaías 53*, págs. 20-31.

⁸⁰ Cf. *Ibidem*, págs. 20-21.

⁸¹ Cf. Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’ de Juan Pablo II*, pág. 67.

⁸² Cf. Êxodo 20, 5 – “Não te prostrarás diante desses deuses e não os servirás, porque eu, Iahweh teu Deus, sou um Deus ciumento, que puno a iniquidade dos pais sobre os filhos até à terceira e quarta geração dos que me odeiam”.

⁸³ Cf. Ez. 18, 19 – 20 e Jo. 9, 2.

cumpridora aos olhos de Deus. Este sentido de justiça retributiva, baseado numa dinâmica de causa/efeito, que na prática e na maior parte das vezes só era apercebida pela inversa, – efeito/causa, era tão forte na atribuição de um sentido ao sofrimento, que mesmo quando alguém sofria sem que houvessem faltas correspondentes a assinalar, teria de rever sua vida à procura das culpas que originavam seus sofrimentos, pois Deus não é injusto, nunca pagaria o bem com o mal. Temos como exemplo os amigos de Job que fazem este papel de o levar a ver algum mal que tivesse feito, também o Salmo 19, 12 fala das culpas que não se conhecem e pelas quais se pede perdão.

Existe no entanto um matiz na palavra castigo, que há que levar em conta por se apresentar verdadeiro, como diz João Paulo II na Carta Apostólica *Salvifici Doloris* “É verdade que o sofrimento tem um sentido como castigo, quando ligado à culpa”.⁸⁴ Este sentido assim entendido não se insere no sentido de uma justiça legal aplicada ao infrator pelo incumprimento de uma série de leis que provêm de uma autoridade superior e exterior ao homem, mas do problema que o homem, criatura racional e livre, feito à imagem e semelhança de Deus, é capaz de criar para si próprio ao romper voluntariamente com Aquele, em relação ao qual, alcança sua plenitude. É que as más ações não são externas ao homem, configuram-no de certo modo.⁸⁵ S. Paulo diz de outro modo esta desconfiguração ao referir que o salário do pecado é a morte (Rm 6, 23). Podemos ver em alguns outros textos do Novo Testamento este sentido do sofrimento ligado a um castigo sentido, nomeadamente em Lc. 23, 41, quando o denominado “bom ladrão” diz: “Quanto a nós fez-se justiça, estamos pagando por nossos atos, mas ele não fez nenhum mal” (Lc. 23, 41). Também em 1P. 4, 15 – 16, o apóstolo fala aos fiéis da diferença entre sofrer por Cristo e sofrer pela culpa das próprias más ações, dando a entender o sentido de um sofrimento justo que se conecta com a culpa e que não se imputa a Deus diretamente senão como a consequência das más ações praticadas.⁸⁶ Ora este sentido do sofrimento como castigo tem sua legitimidade e inscreve-se num certo plano de uma justiça e não se imputa diretamente a Deus como seu executor, mas ao caminho escolhido pelo próprio homem.

Se não houver esta diferença e a que se verá agora com a questão do sofrimento como purificação, como chamada à conversão para o bem do próprio homem, entra-se no risco de anular um dos sentidos legítimos ao sofrimento e que se insere na dimensão amorosa de Deus.

2.3.1.2 - O sofrimento como purificação

Esta dimensão da purificação, que entra no campo da pedagogia e cuidado pelo homem por parte de Deus, apresenta-se também como um dos principais e frequentes sentidos ao sofrimento que se encontram na Escritura, quer seja no Antigo Testamento, quer seja no Novo Testamento, pois está ligado à forma como se entende o que é um castigo, se apenas uma retribuição de um mal por outro mal, se uma correção.⁸⁷ Estamos falando no plano do apelo à conversão, a penitência como um processo de correção, uma pedagogia da parte de Deus que

⁸⁴ Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, nº 11.

⁸⁵Cf. Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’ de Juan Pablo II*, pág. 65.

⁸⁶ Interessante é ver que os sofrimentos por Cristo esses sim, podem vir de Deus como sinal de eleição. Cf. At. 5, 41 – “*Quanto a eles, saíram do recinto do Sinédrio regozijando-se, por terem sido achados dignos de sofrer afrontas pelo Nome*”.

⁸⁷ Cf. Hb 12, 12.

atua providentemente na História e leva o homem, na sua liberdade, a reconhecer seu mau caminho, seu afastamento do amor a Deus, ao próximo e a si mesmo e poder voltar-se e recuperar-se de novo para o caminho de plenitude que Deus traçou para si.⁸⁸ Na Carta Apostólica *Salvifici Doloris* lê-se:

“O sofrimento deve servir à conversão, isto é, à reconstrução do bem no sujeito, que pode reconhecer a misericórdia divina neste chamamento à penitência. A penitência tem como finalidade superar o mal que, sob diversas formas, se encontra latente no homem, e consolidar o bem, tanto no mesmo homem, como nas relações com os outros e, sobretudo, com Deus.”⁸⁹

Este sentido é pois algo muito distinto de um mero castigo às faltas, pois ele permite ao homem empreender um caminho de volta à comunhão com o Senhor e sua Aliança, ficando de manifesto, através das distintas situações dolorosas pelas quais passa, a solicitude da presença divina que “faz a ferida e a sara, que fere e cura (Job. 5, 18)”.⁹⁰

Este sentido aponta para uma visão de Deus como um pai “que pretende salvar seus filhos mediante a adequada e oportuna correção,”⁹¹ e na qual se descobre o Amor como a razão mais íntima e profunda deste atuar, que por vezes e não poucas é incompreendido neste sentido.⁹² Entramos pois com este sentido na dimensão de um sofrimento que se inscreve na esfera do Amor de Misericórdia,⁹³ que leva de novo à vida o pecador “morto” por seus pecados,⁹⁴ para além de recuperar a justiça. Continua a Carta Apostólica *Salvifici Doloris* dizendo:

“Deste modo, nos sofrimentos infligidos por Deus ao povo eleito está contido um convite da sua misericórdia, que corrige para levar à conversão. ‘Estes castigos não sucederam para a nossa ruína, mas são uma lição salutar para o nosso povo’. (Mcb. 6, 12) (...) Segundo esta dimensão, a pena tem sentido não só porque serve para contrabalançar o mesmo mal objetivo da transgressão com outro mal, mas sobretudo porque oferece a possibilidade de reconstruir o bem no próprio sujeito que sofre.”⁹⁵

2.3.1.3 - O sofrimento como provação

Um outro matiz ou leitura na questão do sentido ao sofrimento é o deste surgir como uma provação vinda da parte de Deus. Na Escritura descobre-se que Deus prova o homem em situações de sofrimento e de limite com dois objetivos principais: um é o de conhecer o que

⁸⁸ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nº 302.

⁸⁹ Carta Apostólica *Salvifici Doloris* nº 12

⁹⁰ Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’ de Juan Pablo II*; pág. 68.

⁹¹ A Garcia-Moreno, *Sentido del dolor en Job*, Estúdio Teologico San Ildefonso, Toledo 1990, pg. 159, citado por *Ibidem*, pág. 69.

⁹² Este é um dos dramas da História, particularmente da História da Salvação, pois o homem na sua liberdade de interpretação dos gestos de Deus, por vezes não os entende ou os aceita, ficando na superficialidade de si mesmo, numa visão injusta e carregada de omissões da realidade, ao invés de entrar no profundo de si mesmo e da comunicação que Deus. É o drama do denominado “mau ladrão” na cruz junto a Cristo.

⁹³ O verbo hebraico *LeRachem* significa ter misericórdia e está profundamente ligado pela mesma raiz, *Rechem* ao útero onde se dá a vida. Misericórdia é portanto dar vida.

⁹⁴ Cf. Rm 6, 23 – “*Porque o salário do pecado é a morte, e a graça de Deus, é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor*”.

⁹⁵ Carta Apostólica *Salvifici Doloris* nº 12.

está no coração do homem, ou em análise mais profunda, dar a conhecer ao próprio homem o que está no seu coração. O outro objetivo remete-se à questão da purificação do próprio homem para que aconteça a conversão e este se aproxime cada vez mais do próprio coração de Deus, que é um coração de Amor e justiça. São várias as passagens da Escritura que atestam este sentido da provação de Deus a seus eleitos, o qual não se insere totalmente nos sentidos já abordados do castigo e da purificação, merecendo por isso um destaque à parte. Eis algumas das mais relevantes.

Dt. 8, 2 – 3 “ Lembra-te, porém, de todo o caminho que Yahweh teu Deus te fez percorrer durante quarenta anos no deserto, a fim de humilhar-te, tentar-te e conhecer o que tinhas no coração”

Pr. 17, 3: “ A prata no forno, o ouro no crisol, mas é Yahweh que prova o coração”

Sl. 66, 10 “ Sim, ó Deus, tu nos provaste, nos refinaste como se refina a prata.”

Hb. 11, 17 “ Foi pela fé que Abraão, tendo sido provado ofereceu Isaac”.

Tg. 1, 2 – 3. 12 “ Meus irmãos, tende por motivo de grande alegria o serdes submetidos a múltiplas provações, pois sabeis que a vossa fé, bem provada, leva à perseverança. Bem-aventurado o homem que suporta com paciência a provação”.

1 P. 4, 12 “ Amados, não vos alarmeis com o incêndio que lavra entre vós, para a vossa provação, como se algo de estranho vos tivesse acontecendo, antes, na medida em que participais dos sofrimentos de Cristo, alegrai-vos, para que também na revelação de sua glória possais ter uma alegria transbordante.”

Também por seu lado inúmeras personagens bíblicas foram provadas por Deus: Job, Abraão, Israel no deserto, Moisés, Elias, Jeremias.

2.3.1.4 – O sofrimento do inocente

Existem porém outras situações de vida em sofrimento que não encontram seu sentido nas dimensões já referidas, como são o sofrimento do inocente e do justo. E são estes onde se faz sentir mais a crise de sentido que a questão do sofrimento provoca no ser humano, podendo entrar inclusive na esfera do escândalo. Diz João Paulo II na Carta Apostólica *Salvifici Doloris*: “Se é verdade que o sofrimento tem um sentido como castigo, quando ligado à culpa, já não é verdade que todo o sofrimento seja consequência da culpa e tenha carácter de castigo”⁹⁶. Na mesma Carta pode-se ver também: “e isto mais ainda, olhando ao quotidiano com a dramaticidade de tantos sofrimentos sem culpa e de tantas culpas sem pena adequada”.⁹⁷ Pode-se ver de um modo semelhante este sentido de um sofrimento no inocente no episódio na Paixão, quando o denominado “bom ladrão” diz relativamente a Cristo: “Mas ele não fez nenhum mal”⁹⁸ e estava sofrendo igual padecimento que eles culpados.

Na Bíblia, a história de Job surge como um questionamento e também como Revelação de um novo sentido para o sofrimento diferente do castigo, uma vez que Job é um inocente que se depara com um “problema” que vai para além da medida de justiça de qualquer falta

⁹⁶ *Ibidem*, nº 11.

⁹⁷ *Ibidem*, nº 9.

⁹⁸ Cf. Lc. 23, 41.

cometida pelo próprio. Diz o professor João Lourenço, acerca do 4º Canto do Servo de Yahweh, que o sofrimento de Israel no Exílio era sentido já no fim como algo pesado e grande de mais para a falta cometida.⁹⁹ Tanto o 4º Canto como suas influências posteriores,¹⁰⁰ entre elas o Livro de Job, responderão a esta questão do sofrimento do inocente que colocou Israel e a bondade de Deus em crise. Os amigos de Job, representantes do antigo sentido de castigo, acusam-no de ter feito mal e de estar a fugir ao reconhecimento de suas faltas, pois não podia estar sofrendo se não as tivesse cometido, uma vez que Deus é sempre bom e justo e nunca paga o bem com o mal. Job, por sua vez, sabe que nada fez de mal, está sofrendo e não entende nem as causas nem o porquê de seus sofrimentos. Reclama a sua justiça e reclama aquilo que lhe custa mais: um sentido ao seu sofrimento que ele não compreende.¹⁰¹ Será Elihu,¹⁰² que após o protesto final de Job de sua inocência,¹⁰³ muda o tom da argumentação até aí existente e coloca-a no ponto de viragem crucial da grande novidade encontrada nesta obra, pois não questionará já as causas do sofrimento para encontrar seu sentido, mas a sua finalidade.¹⁰⁴ É aí nesse campo que residirá o sentido ao sofrimento de Job. “O autor sagrado vê que o problema fundamental do mal, do sofrimento, sobretudo do inocente, não se resolve teoricamente. Porque não é um problema teórico. É um problema vital.”¹⁰⁵ Quanto à causa do sofrimento de Job ela encontra-se em Satanás, o verdadeiro inimigo do homem, o qual vai ser derrotado, pois Job nunca põe em causa a existência de Deus, senão que procura-o desesperadamente na sua longa ocultação enquanto continua crendo na sua bondade. Recorre a Ele para que o sustenha nos momentos de angústia. E é aqui que o diabo é derrotado pelo poder de Deus que se manifesta na debilidade e fraqueza do homem que assim se reconhece, como manifesta Job nas suas últimas palavras: “Por isso me retrato e faço penitência no pó e na cinza”, (Job 42, 6). Depois seguem-se a intervenção de Yahweh e o epílogo onde os amigos de Job são censurados e Job é abençoado com o dobro por Deus.

Em Job portanto descobrem-se pois novos sentidos e entendimentos ao sofrimento que vão muito para além da mera consequência das faltas cometidas¹⁰⁶. Para o fiel, ainda que não entenda por completo o sentido do seu sofrimento, pois este possui um campo de mistério do qual só Deus sabe de facto todas as suas dimensões, através da história de Job, descobre coisas muito importantes, a primeira é que Deus não está alheio ao sofrimento, ainda que por vezes assim pareça. A segunda é que o sofrimento não é uma maldição, assim como o mal também não é a última resposta. A terceira e mais importante, é que em Job se descobre no sofrimento um caminho de encontro no mais profundo de si com o próprio Deus. Essa foi a grande

⁹⁹ Cf. João Duarte Lourenço, *O Sofrimento no Pensamento Bíblico – ‘Releituras Hermenêuticas’ de Isaías* 53, pág. 46.

¹⁰⁰ *Ibidem*, págs. 63 – 64.

¹⁰¹ *Ibidem*, pág. 84.

¹⁰² Personagem que entra nos capítulos 32 ao 37, em cujo discurso contesta Job e seus amigos.

¹⁰³ Cf. Job 31–32.

¹⁰⁴ Cf. Bíblia de Jerusalém – Nova Edição Revista e Aumentada. Ed. Paulus, São Paulo 1985, Introdução ao Livro de Job, págs. 879 - 881.

¹⁰⁵ Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’ de Juan Pablo II*, pág. 74.

¹⁰⁶ A popular ideia da paciência de Job pode-se entender como que a partir de uma má interpretação de Tg. 5, 10 – 11, que viria a implicar um sentido que não existe na personagem e que se remete para as dimensões não cristãs ou bíblicas da resignação, do aguentar e do suportar.

experiência de Job e sua grande exclamação final: “Conhecia-te só de ouvido, mas agora viram-te meus olhos.” (Job. 42, 5)¹⁰⁷

Portanto em Job, vê-se um sentido na vida em situação de sofrimento que não se conecta com a justiça - o sofrimento do inocente -, mas que integra uma nova perspectiva que já não procura o seu sentido nas causas senão na finalidade do mesmo. Em Job e assim se conclui a obra, o sofrimento torna-se caminho ou meio de encontro profundo com Deus. Este aspeto torna-se um ponto importantíssimo no tema do sentido de uma vida em sofrimento, uma vez que o sofrimento cria condições únicas de despojamento de muitas das vaidades que distraem o homem do diálogo profundo deste para com o Criador e Pai. É que o sofrimento como que despe o ser humano daquilo que não lhe pertence de facto, deixando somente o essencial e a abertura franca de um coração a uma resposta, como sucedeu com Job.

2.3.2 - A Revelação do mistério do sofrimento em Cristo – O sofrimento vencido pelo Amor

Seguindo os mesmos passos da Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, este trabalho entra agora no âmago da Revelação sobre o sentido de uma vida em sofrimento. Nela o papa João Paulo II diz assim:

“O Livro de Job põe de modo perspicaz, a pergunta sobre o «porquê» do sofrimento; e mostra também que ele atinge o inocente, mas ainda não dá a solução ao problema.

Para se poder perceber a verdadeira resposta ao ‘porquê’ do sofrimento, devemos voltar a nossa atenção para a revelação do amor divino, fonte última do sentido de tudo aquilo que existe. O amor é também a fonte mais rica do sentido do sofrimento que, não obstante, permanece sempre um mistério; estamos conscientes da insuficiência e inadequação das nossas explicações. Cristo introduz-nos no mistério e ajuda-nos a descobrir o ‘porquê’ do sofrimento, na medida em que nós formos capazes de compreender a sublimidade do amor divino.”¹⁰⁸

Esta sublimidade do amor divino, manifesta-se em Jesus Cristo de um modo muito especial e eloquente na sua Paixão. Porém, esta não surge isoladamente do nada como se tivesse sido uma ocorrência pontual e inaudita na história, sobre a qual depois são tiradas as ilações sobre seu sentido e valor. É que a mesma já estava anunciada e inclusive explicitada no seu sentido no Antigo Testamento como que a preparar para o que viria a suceder. Tal encontra-se principalmente no texto profético em forma de poema denominado o IV Canto do Servo de Yahweh,¹⁰⁹ do Livro de Isaías.¹¹⁰ Este texto, também conhecido como Isaías 53, escrito cerca de 5 séculos antes dos acontecimentos da paixão de Cristo, é tão importante para o entendimento do sentido dos sofrimentos e morte de Jesus Cristo, vencedor do mal, do sofrimento e da morte,

¹⁰⁷ “No significa esto que Job haya visto a Dios cara a cara, como le sucedió a Moisés¹⁰⁷, sino que ha conocido en su propia experiencia que la Sabiduría de Dios puede dar sentido a realidades como el sufrimiento y la muerte”, Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’ de Juan Pablo II*, pág. 74.

¹⁰⁸ Carta Apostólica *Salvifici Doloris* nºs 12 e 13.

¹⁰⁹ Is. 52, 13 – 53, 11

¹¹⁰ Cf. João Duarte Lourenço, *história e Profecia, o mundo dos profetas bíblicos*, Edição Universidade Católica Editora, Lisboa 2007, pág. 219.

que a Igreja desde o início recorreu a ele para anunciar e explicitar o mistério do amor de Deus aos homens, o Evangelho.¹¹¹ A Igreja vê o completo e perfeito cumprimento desta profecia no Filho de Deus, aquando de sua obra salvífica na cruz, a qual, por sua vez, não se entende na sua profundidade sem o recurso à mesma profecia.¹¹²

Assim e usando o Poema do Servo de Yahweh, num segundo momento hermenêutico, como luz sobre os acontecimentos na cruz de Jesus Cristo,¹¹³ descobre-se, através dele, um sentido muito mais profundo sobre o sofrimento relativamente àqueles que até agora foram referidos neste trabalho. Através desta autêntica profecia escrita na forma de poema, este Servo, Cristo,¹¹⁴ mostrará que o próprio Deus¹¹⁵ se vai deixar tocar e envolver pelo sofrimento e pela morte, como que compartilhando e retirando de certa forma a exclusiva pertença destes do homem e da contingência do mundo, numa missão salvadora. Por isso, este deixar-se tocar pelo sofrimento pelo próprio Deus, não pode ser visto apenas como um acto solidário para com o destino do homem, também o é, o que por si só é algo que manifesta elevada expressão sublime de amor, afeto e proximidade, mas apresenta um outro sentido mais profundo que se inscreve na esfera do amor que salva. Desse amor profundo do qual a palavra misericórdia se escreve: Cristo, entrega sua vida para sofrer o castigo destinado aos outros, com o objetivo de os salvar - o sofrimento vicário. Os sofrimentos de Cristo e seu sentido entendem-se a partir de agora nesta esfera do amor.

Seu sofrimento surge assim no sentido de um serviço feito no âmbito da Caridade, entendida esta no significado de acto de amor a Deus e ao próximo. É amor a Deus, porque entra na vontade salvífica de Deus, como um servo, como o cordeiro que fala o IV Canto, que em silêncio e obediência,¹¹⁶ tal como também o cordeiro ou o bode do Yom Kipur que carregava os pecados do povo e era abandonado no deserto¹¹⁷ para aí ser destruído juntamente com os pecados, conseguirá o desígnio de Deus, que é a salvação dos mesmos homens. E esta salvação a favor dos homens, que nunca está dissociada do amor a Deus, é o amor ao próximo. Sua intercessão é aceite e efetiva, uma vez que não se insere num gesto externo de magnanimidade de alguém, senão que sua inocência¹¹⁸ e o seu real sofrimento vicário e voluntário o fazem realmente objetivo.¹¹⁹

Este ato salvador, operado pelo próprio Deus na Pessoa de seu Filho, irá inverter o sentido da pedagogia divina conhecida até então, pois se antes o sofrimento se podia entender

¹¹¹ É muito frequente na pregação apostólica inicial o uso de Isaías 53 para contextualizar e explicitar a obra salvadora de Deus, em Cristo, na cruz. (Rm. 15, 21; Rm. 10, 16; Mt. 8, 17; Hb. 2, 10; Rm. 4, 25; 1 P. 2, 24; 2 Co. 5, 21; Mt. 26, 63; At. 8, 32 - 33; Mt. 27, 26; Mt. 27, 57; 1 P. 2, 22; 1 P. 2, 1; Lc. 22, 37.)

¹¹² Cf. Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica 'Salvifici Doloris' de Juan Pablo II*, pág. 77.

¹¹³ Cf. Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, nº 17 – “*O Homem das dores da citada profecia é verdadeiramente aquele «cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo»*”.

¹¹⁴ Cf. Fl. 2, 1 – 7.

¹¹⁵ Cf. Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, nº 17.

¹¹⁶ Hb, 5, 8 “*Embora fosse Filho, aprendeu, contudo, a obediência pelo sofrimento;*”. Ignacio Serrada diz que para Jesus, no Getsémani, não se trata de tomar uma decisão sobre o caminho a seguir nesse momento, pois já estava tomado desde há muito, mas de crucificar a própria vontade num ato de perfeita obediência ao Pai. Cf. Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica 'Salvifici Doloris' de Juan Pablo II*, pág. 83.

¹¹⁷ *Ibidem*, págs. 81 – 82.

¹¹⁸ Cristo é inocente, o que significa alguém sem culpa, sem qualquer mancha ou dano, ou seja, íntegro como deveria ser o cordeiro pascal, animal, que os judeus imolavam na Páscoa (Ex 12). Cf. *Ibidem* pág. 79.

¹¹⁹ Cf. *Ibidem*, pág. 80.

como instrumento de conversão pelo binómio penitência - salvação, agora com a ação do Filho, o binómio inverte-se, uma vez que primeiro acontece a salvação e só depois a penitência.¹²⁰ Em Atos dos Apóstolos 2, 22–38 podemos ver esta dinâmica de inversão. Também nesta linha estão as profecias de Ezequiel que apontam que a conversão do coração não será uma condição de salvação senão o fruto da obra divina redentora. Será como uma nova criação.¹²¹ E esta “nova criação”, já não se remete unicamente a Israel senão que se abre a todo o género humano, a todo o mundo. É um ato de amor salvador e redentor, universal.¹²²

E este sentido no sofrimento de Cristo, um sentido de amor radical, é tão cheio de novidade, que o mesmo tem de ser explicitado ao homem pelo próprio Deus, pois a perplexidade gerada por esta sublime e inaudita ação amorosa de Deus a favor do homem, através do sofrimento, como que choca com a mentalidade humana, mesmo nos dias de hoje. Sua verdadeira interpretação é pura Revelação divina. É que a multidão e os assistentes do sofrimento de Jesus, igual que os interlocutores do servo do texto bíblico, apegados ao sentido do sofrimento como castigo dos pecados, perante a intensidade e carga dos mesmos que veem recair sobre Jesus, encaram-no como desprezível, como alguém duramente castigado por Deus, um maldito até. Terá de ser o próprio Deus, assim como está na profecia, a explicar o verdadeiro sentido na esfera do amor que se oculta por detrás destes sofrimentos.

Ainda hoje esta situação continua a chocar, porém já não tanto pela questão destes sofrimentos serem um sinal de maldição, mas mais por eles estarem de algum modo conectados com a vontade salvífica de Deus.¹²³ Sobre este assunto refere Francisco de la Calle:

“Uma primeira interpretação é evidente: alguém que não é culpado sofreu. Todos o tiveram por pecador e por alguém castigado por Deus, o qual é verdade, mas de uma maneira totalmente diferente de como se poderia pensar. É Deus quem o castigou, o golpeou cruelmente, mas a razão disso não está em seus pecados senão nos pecados alheios. Deus castigou os pecados do povo do profeta no Servo. E este era o querer de Yahweh, algo que transcende qualquer mentalidade, impossível de entender, mas que agora, por boca do profeta se anuncia abertamente. O Servo se submeteu em silêncio e daqui emanará uma recompensa se oferecer sua vida em sacrifício.”¹²⁴

¹²⁰ Cf. *Ibidem*, pág. 78.

¹²¹ J. Pérez, *Profetas exílicos y postexílicos*, PPC, Madrid 1973, pág. 61, citado por Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’ de Juan Pablo II*; pág. 77.

¹²² Cf. João Duarte Lourenço, *O Sofrimento no Pensamento Bíblico – ‘Releituras Hermenêuticas’ de Isaías 53*, pág. 60.

¹²³ Cf. Is. 53, 10 e Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, nº 14, 18.

¹²⁴ Cf. Francisco de la Calle, *Respuesta bíblica al dolor de los hombres*, Actualidad Bíblica, Madrid 1974, pág. 95, citado por Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’ de Juan Pablo II*, pág. 78. “Una primera interpretación resulta evidente; alguien que no es culpable ha sufrido. Todo el mundo le ha tenido por pecador y castigado de Dios, lo cual es verdad, pero de una manera totalmente distinta a como se podía pensar. Es Dios quien le ha castigado, golpeado cruelmente, pero la razón no está en sus propios pecados, sino en los ajenos. Dios ha castigado los pecados del pueblo del profeta en la carne del Siervo. Y éste era el querer de Yahvé, algo que trasciende cualquier mentalidad, imposible de entender, pero que ahora, por boca del profeta, se anuncia abiertamente. El Siervo se ha sometido calladamente y de aquí emanará una recompensa con tal de que ofrezca su vida en sacrificio”.

Tal como no canto do Servo de Is. 53, o entendimento de tudo disto só poderá acontecer, no coração de cada homem com o auxílio de Deus.¹²⁵ Estamos pois no âmago misterioso do Amor de Deus e do mistério de Cristo, que “escondem” neles também o mistério do sofrimento. Se até podemos entender e aceitar um sentido ao sofrimento na linha do serviço voluntário de amor que se entrega pelos outros, na vez dos outros,¹²⁶ difícil mesmo é entender e aceitar o que diz Francisco de la Calle ao se referir que foi pela vontade de Deus, que Ele mesmo castigou cruelmente seu Servo pelos pecados dos homens. Mas é isso que diz o texto do profeta e também a Igreja sobre a salvação operada por Deus: a salvação faz-se pela entrega voluntária do Servo, aos golpes destinados aos pecadores.¹²⁷ Penso que referir que a salvação de Deus, em Cristo, sucede apenas devido ao ato de entrega que manifesta o amor, o que é verdade, torna de certo modo incompleto o anúncio e não encara frontalmente tudo o que nele se transmite. De um modo chocante, esta entrega amorosa salvadora é feita no e através do sofrimento, por vontade de Deus que assim o quis.¹²⁸ É isto que o versículo 10 do IV Canto diz: “Mas Yahweh quis feri-lo, submetê-lo ao sofrimento”,¹²⁹ ou seja, por um lado não deixa de estar presente a conceção do sofrimento como castigo dos pecados, por outro, tal castigo não acontece no pecador, mas no próprio Deus (outra chocante novidade que trouxe o cristianismo quando interpreta o servo da escritura com Jesus) que assume os pecados da humanidade e cumpre a justiça, sofrendo-a Ele mesmo, por amor aos homens.

Assim e em género de síntese por tudo o que já foi referido sobre A Revelação do mistério do sofrimento em Cristo, visto à luz da profecia de Isaías, João Paulo II na Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, diz:

“ O sofrimento humano atingiu o seu vértice na paixão de Cristo; e, ao mesmo tempo, revestiu-se de uma dimensão completamente nova e entrou numa ordem nova: ele foi associado ao amor, àquele amor de que Cristo falava a Nicodemos, àquele amor que cria o bem, tirando-o mesmo do mal, tirando-o por meio do sofrimento, tal como o bem supremo da Redenção do mundo foi tirado da Cruz de Cristo e nela encontra perenemente o seu princípio. A Cruz de Cristo tornou-se uma fonte da qual brotam rios de água viva. Nela devemos também repropôr-nos a pergunta sobre o sentido do sofrimento, e ler aí até ao fim a resposta a tal pergunta”.¹³⁰

Por tudo isto, diz Ignacio Serrada que já se ultrapassou em muito a questão de uma resposta do sentido do sofrimento, e “que nos encontramos diante da Revelação da ‘verdade do amor mediante a verdade do sofrimento’.”¹³¹ A atitude de Jesus perante o sofrimento é amar,

¹²⁵ Cf. Bíblia de Jerusalém, Jo. 14, 26, nota j. - Esta é a principal dinâmica causada pelo anúncio cristão, pois o anúncio do Amor de Deus operado em Cristo, o *kerigma*, torna-se uma experiência pessoal e íntima de Deus e do seu Amor para aquele que aceita esta revelação, através da Pessoa do Espírito Santo.

¹²⁶ Cf. Rm, 5, 7 – 8. S. Paulo fala em que por alguém bom até se pode dar a vida, mas por um pecador quem se sacrifica? Só quem ama realmente.

¹²⁷ Cf. Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, nº 17: “Portanto, somente Ele — o Filho unigénito — é capaz de abarcar a extensão do mal contida no pecado do homem: em cada um dos pecados e no pecado «total», segundo as dimensões da existência histórica da humanidade na terra”.

¹²⁸ Cf. *Ibidem*, nº 14.

¹²⁹ Bíblia de Jerusalém, Is. 53, 10.

¹³⁰ Carta Apostólica *Salvifici Doloris* nº 18

¹³¹ Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’ de Juan Pablo II*, pág. 84.

entregar a própria vida. E fá-lo por obediência ao Pai. Por isso não é uma atitude sem sentido, vinda de uma ideia arbitrária, senão que possui uma “dimensão teológica de moral filial”.¹³²

Mas falta referir, ainda à luz do IV Canto, aquela que talvez seja a maior de todas as novidades da Revelação no que diz respeito ao sofrimento. É que o destino de Cristo, assim como o do servo do Canto, não termina com seu sacrifício redentor pelos pecados alheios. No final de seus trabalhos, Cristo é glorificado e recompensado¹³³ – acontece a ressurreição e é constituído *Kyrios*, que significa Senhor.¹³⁴ Penso que este é o aspeto que torna possível todas as outras novidades de sentido ao sofrimento encontradas: sofrimento redentor e vicário e salvaguarda em definitiva da imagem do Amor de Deus que não deixa ficar o seu Filho na nem na morte, nem que os sofrimentos apareçam como que triunfantes no final. A atitude voluntária de Cristo, igual que a do Servo do Canto, tem por detrás este conhecimento da recompensa final,¹³⁵ que mais não é que o triunfo final de Deus. É este conhecimento que faz que sua entrega não seja somente um ato cego de um amor obediente, de um sacrifício total pelos pecadores que possa terminar aí sem mais nada. Podemos ver esta ideia nos Evangelhos Sinópticos, nos três anúncios da Paixão de Cristo que vêm sempre acompanhados do anúncio da Ressurreição.¹³⁶ Jesus, sabia que ia sofrer, morrer, mas também triunfar. É este conhecimento de que o sofrimento, o mal e a morte não triunfam no final que torna possível e compreensível a aceitação no campo do Amor e da Esperança de todo o absurdo da situação a que Deus submete o seu próprio Filho para a salvação dos seres humanos e também da aceitação deste para a consecução desta obra.¹³⁷

Na paixão de Jesus, visto à luz do texto de Isaías 53, vê-se portanto como o sofrimento é vencido quando vivido no conhecimento da fé que abre à esperança, num sentido de amor de entrega a Deus e aos outros. Em Jesus Cristo, Deus triunfou do mal, da morte, do sofrimento, não só dando-lhe um sentido e valor salvíficos, como o coloca inclusive num âmbito transcendental de sentido último.¹³⁸

¹³² *Ibidem*, pág. 85.

¹³³ Diz João Lourenço que a glorificação final do Servo é a maior novidade que contém a profecia, de tal modo que influenciará toda uma série de escritos posteriores, entre os quais, como já referido, o livro de Job que mantém a mesma ideia: Cf. João Duarte Lourenço, *O Sofrimento no Pensamento Bíblico – ‘Releituras Hermenêuticas’ de Isaías 53*, págs. 60 - 61.

¹³⁴ Cf. Fl. 2,6-11; Rom 1,3-5.

¹³⁵ Cf. Is 53,11 – “*Pelo seu conhecimento, o justo, meu Servo, justificará a muitos e levará sobre si as suas transgressões*”.

¹³⁶ 1º Anúncio (Mt. 16, 21 – 23; Mc 8, 31 – 33; Lc. 9, 22). 2º Anúncio (Mt. 17, 22 – 23; Mc. 9, 30 – 32; Lc. 9, 43– 45). 3º Anúncio (Mt. 20, 17 – 19; Mc. 10, 32 -34; Lc. 18, 31 – 33).

¹³⁷ O texto apresentado no IV Canto, na forma de uma condição, implica este conhecimento que se tem do resultado final. Diz o Canto de Is. 53, 10: “*Mas se ele oferece a sua vida como sacrifício pelo pecado, certamente verá uma descendência, prolongará seus dias, e por meio dele o desígnio de Deus há-de triunfar*”.

¹³⁸ “*Por medio de la Cruz lleva Jesucristo a plenitud la obra de la salvación. (...) El sentido del sufrimiento no puede encontrarse, pues, estimándolo exclusivamente en su múltiple dimensión temporal y material. Jesucristo ha «tocado» el mal en sus mismas raíces transcendentales, lo cual incluye el mal y el sufrimiento en su dimensión temporal e histórica: pero sobre todo nos descubre el drama del hombre en su verdad más profunda. Porque «lo contrario de la salvación no es solamente el sufrimiento temporal, cualquier sufrimiento, sino el sufrimiento definitivo: la pérdida de la vida eterna, el ser rechazados por Dios, la condenación. El Hijo unigénito ha sido dado a la humanidad para proteger al hombre, ante todo, de este mal definitivo y del «sufrimiento definitivo»*” Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’ de Juan Pablo II*, pág. 88 e Cf. Carta Apostólica *Salvifici Doloris* nº 14.

2.4 - A participação nos sofrimentos de Cristo

Os abordados sentidos profundos do sofrimento e morte de Jesus Cristo apontam para um sentido salvífico que se pode associar ao sofrimento. Por isso e continuando a seguir os passos da Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, torna-se importante uma abordagem sobre a participação nos sofrimentos de Cristo. De realçar que João Paulo II abre esta participação nos sofrimentos de Cristo a todos.

“Todo o homem (...) é também chamado a participar naquele sofrimento, por meio do qual se realizou a Redenção; é chamado a participar naquele sofrimento, por meio do qual foi redimido também todo o sofrimento humano. Realizando a Redenção mediante o sofrimento, Cristo elevou ao mesmo tempo o sofrimento humano ao nível de Redenção. Por isso, todos os homens, com o seu sofrimento, se podem tornar também participantes do sofrimento redentor de Cristo.”¹³⁹

Nesta dimensão assim entendida, “*sofrer* significa tornar-se *rectivo*, particularmente *aberto à ação das forças salvíficas de Deus*, oferecidas em Cristo à humanidade.”¹⁴⁰ Continua João Paulo II:

“As fontes da força divina jorram exatamente do seio da fraqueza humana. Aqueles que participam nos sofrimentos de Cristo conservam nos sofrimentos próprios uma especialíssima parcela do infinito tesouro da Redenção do mundo.” [...] “Mais do que qualquer outra coisa, o sofrimento é aquilo que abre caminho à graça que transforma as almas humanas. Mais do que qualquer outra coisa, é ele que torna presentes na história da humanidade as forças da Redenção.”¹⁴¹

Esta participação no sentido do serviço e do amor, do mesmo modo com que Jesus o fez, implica na parte de cada um, o mesmo conhecimento de que tal não é indiferente a Deus, que recompensa e glorifica a fé daqueles que assim procedem -“ Se com ele sofremos, com ele reinaremos”, como diz S. Paulo (2 Tm 2, 12). Isto é o que está na base da Fé, da Esperança e da Caridade dos que morrem por Deus, amando em Cristo seus inimigos e daqueles que entregam seu sofrer no sentido da salvação dos homens ou os aceitam sabendo que os mesmos não são comparáveis à glória que se há-de manifestar.¹⁴²

Entramos aqui num sentido ao sofrimento para o ser humano que não é apenas teórico, mas profundamente vivencial. Deus, em Cristo, não explica cabalmente o sofrimento e o seu porquê, dá-lhe um sentido salvífico e faz como que uma chamada a segui-lo aí. E é nesse itinerário que o ser humano começa a perceber cada vez mais este sentido, que é chamada, através do encontro interior que vai trilhando com o Mestre.¹⁴³ Este sentido salvífico vai-se

¹³⁹. Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, nº 19

¹⁴⁰ *Ibidem*, nº 23.

¹⁴¹ *Ibidem* nº 27.

¹⁴² Cf. Rom. 8, 18 – “Penso, com efeito, que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós”.

¹⁴³ Cf. Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’ de Juan Pablo II*, pág. 91.

então descobrindo na sua dupla face: salvífico para o próprio paciente, salvífico também para os outros. Assim, o sentido e o valor de uma vida em sofrimento, a partir desta chamada e deste itinerário interior profundo de carácter salvífico, surge como uma vocação muito específica na vida de todos os que entram numa situação de sofrimento.¹⁴⁴

Mas tudo isto não se faz num voluntarismo, “num conceito de auto perfeição e autorrealização que tem como modelo extrínseco, utópico e definitivamente inalcançável, Cristo”.¹⁴⁵ Faz-se na união a Ele, na união espiritual à cruz de Cristo.¹⁴⁶ O seguimento de Cristo implica ir com Ele e, portanto, não é um ir só. Esta união é assegurada pelo Espírito Santo¹⁴⁷ que é dom e que constitui a pessoa em participante “do valor redentor da cruz de Cristo”.¹⁴⁸ Deste modo o homem descobre que o seu sofrimento, unido a Cristo, unido a Deus, se carrega de uma força especial, de um sentido e de um novo conteúdo.¹⁴⁹ O sofrimento não deixará de ter toda a carga negativa que contém, porém a experiência da união com Cristo¹⁵⁰ faz com que todos os sofrimentos possam ser penetrados pela mesma força de Deus que se manifestou na Cruz.¹⁵¹ “É nesta fraqueza e neste despojamento que Ele quer manifestar o seu poder.”¹⁵² E isso tem suas consequências.

“Torna-se fonte de alegria o superar o sentimento da inutilidade do sofrimento, sensação que, por vezes, está profundamente arreigada no sofrimento humano; e isto, não só desgasta o homem por dentro, mas parece fazer dele um peso para os outros. O homem sente-se condenado a receber ajuda e assistência da parte dos outros e, ao mesmo tempo, considera-se a si mesmo inútil. A descoberta do sentido salvífico do sofrimento em união com Cristo transforma esta sensação deprimente.”¹⁵³

Esta participação nos sofrimentos de Cristo feita em união ao próprio Deus, não acontece somente na situação isolada da relação de cada pessoa com Cristo, senão que acontece na e em Igreja.¹⁵⁴

¹⁴⁴ Cf. *Ibidem* e Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, nº 23.

¹⁴⁵ J.D. Larrú, *Cristo en la acción humana*, Ed. PUL, Roma 2004, pág. 96, citado por Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’ de Juan Pablo II*, na nota de rodapé nº 218, pág. 92.

¹⁴⁶ “No sofrimento se esconde uma força particular que aproxima interiormente o homem de Cristo, uma graça particular. Através desta graça que junta o homem a Cristo, o ser humano pode sofrer com Cristo unindo os próprios sofrimentos humanos ao seu sofrimento salvífico.” Carta Apostólica *Salvifici Doloris* nºs 25 e 26.

¹⁴⁷ “Cristo, mediante o seu próprio sofrimento salvífico encontra-se bem dentro de cada sofrimento humano, e pode assim atuar a partir do interior do mesmo, pelo poder do seu Espírito de Verdade, do seu Espírito Consolador”. Porém esta graça não atua do mesmo modo em cada um, de facto ela pacientemente atua nas dificuldades e fases de cada um na questão do seu sofrimento, pois é com diferentes disposições que cada homem encara seu sofrimento, sendo que por vezes é necessário tempo, para que a graça comece a ser percebida interiormente. Cf. Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, nº 26.

¹⁴⁸ Cf. Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’ de Juan Pablo II*, pág. 91.

¹⁴⁹ Cf. Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, nº 20.

¹⁵⁰ Cf. 2 Co. 12, 9-10; Col. 1, 29 e Fl. 4, 13.

¹⁵¹ Cf. Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’ de Juan Pablo II*, pág. 92.

¹⁵² Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, nº 23.

¹⁵³ *Ibidem*, nº 27.

¹⁵⁴ Cf. Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’ de Juan Pablo II*, pág. 95.

Para a Igreja a questão do sofrimento tem um valor muito especial, pois a mesma brotou do lado aberto de Cristo, de sua Paixão e Ressurreição.¹⁵⁵ O batismo que incorpora uma pessoa a Cristo, é um sepultamento na morte de Jesus para que possa ressurgir uma nova vida, uma nova criação.¹⁵⁶ A relação da Igreja com o sofrimento não se enquadra pois numa mera compaixão humanista, senão que está vinculada a ele nos seus alicerces mais profundos, vinculada ao próprio Cristo, que embora glorificado, mantém todavia os sinais de seus sofrimentos e de sua obra redentora.¹⁵⁷ Por isso a solicitude que mantém por todos os que sofrem nasce desta realidade e é um facto inerente à sua própria natureza.¹⁵⁸ Deste modo, a redenção que,

“embora tenha sido realizada em toda a sua plenitude pelo sofrimento de Cristo, à sua maneira vive e desenvolve-se ao mesmo tempo na história dos homens. Vive e desenvolve-se como o Corpo de Cristo, que é a Igreja; e nesta dimensão, todo o sofrimento humano, em razão da sua união com Cristo no amor, completa o sofrimento de Cristo. Completa-o como a Igreja completa a obra redentora de Cristo. O mistério da Igreja — daquele Corpo que completa também em si o corpo crucificado e ressuscitado de Cristo — indica, ao mesmo tempo, aquele âmbito no qual os sofrimentos humanos completam o sofrimento de Cristo. Só à luz disto e com esta dimensão — da Igreja-Corpo de Cristo que se desenvolve continuamente no espaço e no tempo — é que se pode pensar e falar «daquilo que falta» aos sofrimentos de Cristo.”¹⁵⁹

O sofrimento como que faz parte do caminhar da Igreja. Jesus não só o “profetizou” como não omitiu esta realidade a todos os que o quisessem seguir - “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e me siga.” (Lc. 9, 23). Censurou veementemente Pedro quando este se manifestou escandalizado.¹⁶⁰ “Cristo não escondia aos seus ouvintes a necessidade do sofrimento.”¹⁶¹ E pensar o contrário é não pensar as coisas de Deus, mas sim as dos homens.¹⁶² Porém e apesar destas circunstâncias adversas que rodeiam o viver cristão, ficam as palavras do Mestre que nos animam a entrar com coragem nas adversidades permitidas por Deus em cada tempo, mesmo que não as entendamos em toda a sua profundidade e dimensões: “Disse-vos isto para que tenhais paz em mim: no mundo tereis que sofrer. Mas tende confiança! Eu venci o mundo.” (Jo. 16. 33).

O Papa João Paulo II chama de um modo particular a esta profunda relação da Igreja com o sofrimento, “o Evangelho do sofrimento”¹⁶³. Neste “Evangelho” é dado um especial destaque à mãe do redentor, a Virgem Maria, imagem da Igreja e do caminhar de todo o cristão,¹⁶⁴ ela que também se situa de um modo muito particular e especial na primeira linha da participação dos sofrimentos de Cristo.

¹⁵⁵ Cf. Paul Ternant, *Igreja*, in Xavier Leon-Dufour, *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Editora Vozes, Petrópolis 1992, pág. 426.

¹⁵⁶ Francois Amiot, *Batismo*, in Xavier Leon-Dufour, *Vocabulário de Teologia Bíblica* pág. 94.

¹⁵⁷ Cf. Jo. 20, 20.

¹⁵⁸ Cf. Ignacio Serrada, *El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’ de Juan Pablo II*, págs. 95 – 96.

¹⁵⁹ Carta Apostólica *Salvifici Doloris* nº 24.

¹⁶⁰ Cf. Mt. 16, 23.

¹⁶¹ Carta Apostólica *Salvifici Doloris* nº 25.

¹⁶² Cf. Mt. 16, 23.

¹⁶³ Cf. Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, VI

¹⁶⁴ Cf. Paul Ternant, *Maria*, in Xavier Leon-Dufour, *Vocabulário de Teologia Bíblica*, pág. 561.

“É consolador — como é também evangélica e historicamente exato — notar que ao lado de Cristo, em primeiríssimo lugar e bem em evidência junto dele, se encontra sempre a sua Mãe santíssima, porque com toda a sua vida ela dá um testemunho exemplar deste particular Evangelho do sofrimento. Em Maria, os sofrimentos, numerosos e intensos, sucederam-se com tal conexão e encadeamento, que bem demonstram a sua fé inabalável; e foram, além disso, uma contribuição para a Redenção de todos. Na realidade, desde o colóquio misterioso que teve com o anjo, Ela entrevê na sua missão de mãe a «destinação» de compartilhar, de maneira única e irrepitível, a mesma missão do seu Filho. E teve bem depressa a confirmação disso, quer nos acontecimentos que acompanharam o nascimento de Jesus em Belém, quer no anúncio explícito de velho Simeão, que lhe falou de uma espada bem afiada que haveria de trespassar-lhe a alma, quer, ainda, na ansiedade e nas privações da fuga precipitada para o Egito, motivada pela decisão cruel de Herodes.”¹⁶⁵

Este “Evangelho do sofrimento significa não apenas a presença do sofrimento no Evangelho, como um dos temas da Boa Nova, mas também a revelação da força salvífica e do significado salvífico do sofrimento”.¹⁶⁶ João Paulo II diz: “Cristo venceu definitivamente o mundo com a sua ressurreição; todavia, porque a sua ressurreição está ligada à sua paixão e morte, ele venceu este mundo, ao mesmo tempo, com o seu sofrimento.”¹⁶⁷

Conclusão da 1ª Parte

O sentido da vida do ser humano está projetado para a felicidade, porém esta não lhe é dada naturalmente de um modo imediato, senão que surge como uma chamada a percorrer e encontrar, junto com Deus e os demais, um caminho de construção para a mesma. Isto é sua vocação. Porém, de todas as realidades da existência com que se defronta ao longo desse caminho, serão as experiências do mal, da morte e do sofrimento aquelas que mais dificuldades e crise possam colocar a essa construção. Objetivando um pouco estas dificuldades referidas, descobre-se que as mesmas são principalmente ao nível do sentido e do valor que essas experiências podem ter ou carecer. Diz Vitor Frankl, que o verdadeiro problema do sofrimento ou o verdadeiro sofrimento é o que resulta da falta de encontrar um sentido positivo para o mesmo. Encontrar pois um sentido e um valor positivos para o sofrimento é tarefa essencial para cada pessoa. Ajudar cada pessoa nessa tarefa é um ato de verdadeira humanidade assumida.

A fé cristã mostra que Deus não está alheio a esta questão e aos dramas que o ser humano vive, senão que os mesmos, não só são iluminados pela fé, como inclusive vividos e redimidos pelo próprio Deus, em Cristo, que entrando na História, salva definitivamente o ser humano da situação dramática em que se encontra, dando inclusive a este um sentido e um valor na esfera do serviço, do amor e da esperança a estas situações de vida de carga negativa. A redenção do homem é também a redenção do sofrimento, diz João Paulo II. Esta resposta de Deus é essencialmente mais vivencial que teórica e como tal caracteriza-se por uma abrangência a todos os homens de todos os tempos, numa proposta de partilha de um percurso em conjunto, na fé, onde paulatinamente cada pessoa vai descobrindo juntamente com Deus o sentido mais

¹⁶⁵ Carta Apostólica *Salvifici Doloris* n° 25.

¹⁶⁶ *Ibidem*.

¹⁶⁷ *Ibidem*.

profundo e pleno de sua situação de sofrimento e capaz de transformá-lo, inclusive, num ato de amor e de serviço. Esta é uma das grandes riquezas que a Igreja contém para a humanidade, depositária que é da revelação e da fé. Ajudar cada pessoa a descobri-lo é também um ato de verdadeiro cristianismo.

O que se segue daqui em diante, uma vez apresentada a importância da questão do sentido e valor de uma vida em sofrimento, é a exposição da análise do tema efetuada ao Programa e Manuais da E.M.R.C., segunda parte deste trabalho e logo depois como terceira parte, a apresentação de uma proposta pedagógica de inserção do tema, que consiste numa aula para o Ensino Secundário.

2ª PARTE

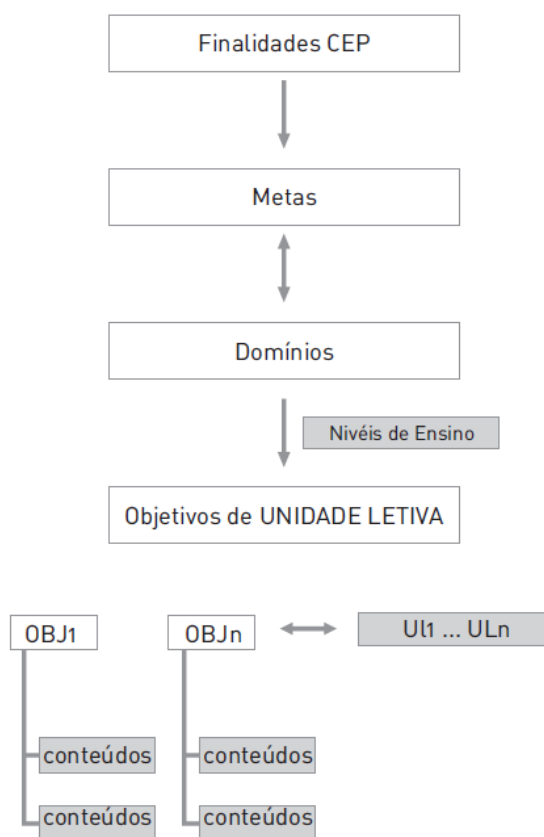
ANÁLISE DO PROGRAMA E MANUAIS DE EMRC SOBRE A QUESTÃO DO VALOR E SENTIDO DA VIDA EM SOFRIMENTO

1. O Programa

O atual Programa de EMRC assenta na sua globalidade numa hierarquia de pontos subordinados e interrelacionados uns aos outros que se encabeçam pelas Finalidades da Disciplina, que se conjugam com os Domínios próprios da mesma e sobre os quais se organizam as Metas Curriculares, que provêm por sua vez das Finalidades. Depois e de acordo com cada Nível de Ensino que contém umas Unidades Letivas próprias e adequadas (ver quadro 3) são construídos os Objetivos mais específicos dos conteúdos dessa Unidade. Veja-se o quadro abaixo que sintetiza e define as relações de cada um destes pontos do Programa.¹⁶⁸

(Quadro 1)

QUADRO 1 - ESTRUTURAÇÃO PROGRAMÁTICA PARA EMRC



1.1 Finalidades¹⁶⁹

¹⁶⁸ Secretariado Nacional Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, Quadro 1 – Estruturação Programática para EMRC*, pág. 15.

¹⁶⁹ *Ibidem*, pág. 3.

Definição

“As finalidades de uma disciplina definem, em *termos ideais*, o que se pretende que um aluno adquira com a sua frequência, a partir da sua experiência como pessoa em crescimento e em desenvolvimento, no contexto de uma determinada sociedade e de um dado sistema de Ensino”.

“Na ótica dos Bispos portugueses, a EMRC tem como grande finalidade «a formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida. Promove-a a partir do diálogo da cultura e dos saberes adquiridos nas outras disciplinas com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa»¹⁷⁰

Finalidades de EMRC

- Apreender a dimensão cultural do fenómeno religioso do cristianismo, em particular;
- Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;
- Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;
- Adquirir uma visão cristã da vida;
- Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso;
- Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social;
- Apreender o fundamento religioso da moral cristã;
- Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã;
- Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé;
- Estruturar a perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;
- Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência.

1.2 Domínios¹⁷¹

Definição

São áreas de ensino que a disciplina compreende e que agregam logicamente os padrões curriculares daquilo que o aluno deve conhecer (campos de conhecimento, conteúdo) e do que o aluno deve saber fazer (processos ou competências). Determinam-se a partir das Finalidades e do estatuto epistemológico da Teologia e das Ciências da Religião. São os seguintes:

- Religião e Experiência Religiosa.
- Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida.
- Ética e Moral.

¹⁷⁰ *Ibidem*, pág. 05.

¹⁷¹ *Ibidem*, pág. 08.

1.3 Metas¹⁷²

Definição

As Metas Curriculares definem, de forma consistente, os conhecimentos e as capacidades essenciais que os alunos devem adquirir, nos diferentes anos de escolaridade ou ciclos e nos conteúdos dos respetivos programas curriculares. As Metas Curriculares definem também o que o professor pretende que os alunos aprendam. As **Metas Curriculares** organizam os conteúdos programáticos da disciplina de modo que se evidenciem os seus conteúdos fundamentais e que estes possam ser objeto de uma ordenação sequencial e hierárquica ao longo das várias etapas da escolaridade. Essa ordenação deve ser orientada a partir de núcleos de conhecimentos e capacidades a adquirir e desenvolver pelos alunos e poderá culminar na definição ulterior de padrões de desempenho, se se julgar adequado às finalidades da disciplina. As Metas curriculares são definidas nos três grandes domínios da disciplina. Veja-se o quadro abaixo:

(Quadro 2)

DOMÍNIOS	METAS CURRICULARES
RELIGIÃO E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA	A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa. B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas. D. Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.
CULTURA CRISTÃ E VISÃO CRISTÃ DA VIDA	E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo. F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas. G. Identificar os valores evangélicos. H. Articular uma perspetiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica. I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade. J. Descobrir a simbólica cristã. K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso. L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.
ÉTICA E MORAL	M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano. N. Promover o bem comum e o cuidado do outro. O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo. P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã. Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.

É a partir das Metas Curriculares que se organizam os Objetivos Programáticos que é aquilo que se espera que cada aluno aprenda nos Conteúdos específicos de cada Unidade Letiva. Eles servem para referência da avaliação dos alunos por parte do professor, de modo que este possa verificar a mudança cognitiva ou comportamental acontecida no aluno em determinado conteúdo.

¹⁷² *Ibidem*, págs. 07 – 09.

2 - Uma análise e justificação do enquadramento do tema no programa: Finalidades, Domínios, Metas, Níveis de Ensino e Unidades Letivas

Penso que o tema deste trabalho se enquadra amplamente no Programa de EMRC. Podemos vê-lo adequadamente encaixado na maior parte das Finalidades, em todos os Domínios e em quase todas as Metas excetuando uma única. Penso também que o tema corresponde a certos Níveis de Ensino, principalmente aos mais altos e que se insere perfeitamente em algumas das Unidades Letivas desses Níveis, não tendo necessariamente que ser produzida uma nova Unidade Letiva para sua abordagem e desenvolvimento.

Segue-se agora um elenar das Finalidades, Domínios e Metas que me parecem ser as mais propícias para o enquadramento do tema no Programa de EMRC e também uma proposta dos Níveis de Ensino onde se deve trabalhar o tema, assim como das respetivas Unidades Letivas onde ele pode fazer parte. Será feita posteriormente uma pequena análise aos Manuais únicos que servem de apoio à disciplina como propostas de consecução do Programa.

2.1 – Finalidades, Domínios e Metas

Uma vez que as Finalidades e Domínios interagem e se relacionam com as Metas, sendo que estas abrangem os dois pontos, farei apenas a justificação da presença do tema através das Metas evitando assim a duplicação das razões que se expõem.

a) O tema insere-se nas seguintes Finalidades:

- Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;
- Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;
- Adquirir uma visão cristã da vida;
- Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social;
- Apreender o fundamento religioso da moral cristã;
- Estruturar a perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade.

b) Nos seguintes Domínios

- Religião e Experiência Religiosa.
- Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida.
- Ética e Moral.

c) Nas seguintes Metas

c.1) De um modo muito abrangente penso que o presente tema se enquadra com rigor nas Metas B; E; F; G; H; M; P e Q.

- Meta B - *“Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.”*

Tal como já referido na primeira parte do trabalho, é impossível criar-se um sentido e um valor ao sofrimento senão numa perspetiva transcendental e escatológica. Fora destes parâmetros a questão de um sentido e valor ao sofrimento torna-se um absurdo que não admite resposta plausível. A construção de chaves de leitura da pessoa, da vida e da história, numa situação de sofrimento terá obrigatoriamente de passar pela questão religiosa enquanto questão no início e posteriormente na opção consequente de uma tomada de posição. A construção desse tipo de chaves de leitura da vida é meta a alcançar nesta questão e o tema adequa-se perfeitamente a esta importantíssima meta, sem a qual se vê em causa mesmo.

- Meta E – *“Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo”*.

A questão do sentido e valor a uma vida em situação de sofrimento não é algo do plano teórico ou secundário do cristianismo, senão que essa resposta se fez carne e caminho numa pessoa concreta, Jesus Cristo, que venceu o mal e o sofrimento para todos os seres humanos abrindo uma verdadeira porta de esperança, valor, sentido com a sua ressurreição. Estamos no núcleo mais central do cristianismo e do catolicismo: paixão, morte e Ressurreição.

- Meta F – *“Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.”*

De modo semelhante à meta anterior, a questão do sofrimento, do seu valor e sentido traz as grandes chaves de leitura do Antigo Testamento e da pedagogia divina que paulatinamente vai-se revelando até chegar Aquele que cumpriu em si mesmo as Escrituras. O Novo Testamento também não se entende na sua profundidade sem a referência às antigas escrituras e profecias. Sofrimento e pecado, sofrimento e redenção, o sofrimento no sentido de serviço, o sofrimento no sentido do amor extremo ao próximo a ponto de sofrer por ele, são já temas nucleares que se encontram no AT, que falam da condição do homem, que expressam uma antropologia revelada, que se inserem na Aliança de Deus com seu povo. É impossível um conhecimento do núcleo da mensagem e cultura bíblica sem ter presente esta dimensão da questão do sofrimento e do mal.

- Meta G – *“Identificar os valores evangélicos.”*

Penso que dentro do tema encontramos não só alguns dos valores nucleares do Evangelho, como os que referem as Bem-aventuranças sobre perseguição e aflição, mas inclusive se encontram profundamente ligado ao tema o valor mais radical do mesmo Evangelho, o amor extremo que se torna capaz de amar os inimigos e de dar a vida pelos amigos, o qual manifesta o seu maior grau de perfeição através do sofrimento vicário e a morte oblativa. Estes não são no Evangelho exceções que limitam a consecução do grande valor radical do amor que Cristo nos deixou, senão como já dito, sua maior perfeição. Não será evidentemente o sofrimento e a morte o valor evangélico em si, esse é o do amor, mas na altura de identificação de um valor evangélico deve-se fazê-lo em toda a sua amplitude e dimensões e é aqui que entra profundamente a questão do sofrimento e da morte como expoente máximo de manifestação do amor.

- Meta H – *“Articular uma perspetiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica.”*

As dimensões do sofrimento, do mal e da morte, assim como as respostas aos mesmos de serviço, amor e esperança são, entre outros, assuntos nucleares na doutrina da Igreja. Os

mesmos têm de ser considerados obrigatoriamente na altura da articulação das principais doutrinas da Igreja Católica.

- Meta M – *“Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.”*

Esta é uma daquelas metas que estão na base de todo este trabalho, pois a perspetiva cristã do valor e sentido da vida numa situação de sofrimento e seu conseqüente agir ético é a grande proposta a apresentar aos alunos para esta dimensão de extrema carga negativa e que Cristo e o cristianismo a transformam em serviço, amor e esperança.

- Meta P – *“Identificar o fundamento religioso da moral cristã.”*

A moral cristã sobre a dimensão do sofrimento, do mal e da morte na vida está apoiada na revelação e postura da parte de Deus perante estas dimensões. Não se trata de uma moral natural, à imagem, por exemplo, da moral sexual, mas de uma moral revelada apoiada num fundamento religioso. A escatologia, um assunto religioso por natureza, é aquele que dá o sentido a tudo o que se disse neste trabalho. Sem Deus, sem a perspetiva da transcendência, da esperança e da vida eterna, voltando a repetir, o sofrimento, o mal e a morte não encontram uma resposta satisfatória ao homem.

- Meta Q – *“Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.”*

Este é outro dos pontos principais das motivações deste trabalho, pois na sociedade secular e imanente em que vivemos, a dignidade de alguém que sofre, principalmente se seu sofrimento é prolongado e de perspetivas de não existir uma cura senão um viver naquela condição, é posta em causa pela perspetiva reducionista de que a vida só vale e é digna se decorrer dentro de certos limites. Ainda que não perca a sua dignidade moral, alguém que sofra este tipo de situações dentro destas perspetivas, é visto e pode até ser considerado pelo próprio, que sua dignidade de ser humano já não existe. Reconhecer a pessoa e sua dignidade para além de toda a contingência, inclusive naquilo que pode parecer o mais inútil possível, mas que pode tornar-se extremamente útil aos olhos de Deus, é luz cristã sobre o ser humano e sua dignidade.

c.2) O tema também se pode enquadrar em contextos mais específicos nas Metas: A; C; D; I; J; K; L; N e O.

- Meta A – *“Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.”*

Dentro desta meta há a salientar a experiência religiosa que nasce ou deriva das situações de sofrimento. Exemplos dos santos cuja conversão e ponto de partido de seu percurso foi a sua experiência de sofrimento.

- Meta C – *“Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.”*

Na referência ao budismo naquilo que lhe diz respeito como uma resposta à questão do sofrimento. O mesmo também no que se refere às religiões orientais no seu geral e aos Novos Movimentos Religiosos que um pouco por todo o lado surgem no mundo ocidental.

- Meta D – *“Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.”*

Esta Meta inclui os perseguidos religiosamente e é neste contexto que o tema entra perfeitamente nela, abordando a questão do martírio e do sofrimento pela fé, seu sentido e valor.

- Meta I – *“Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.”*

Um apanhado da questão do sofrimento visto na perspectiva histórica e a contribuição para a sociedade não só da mentalidade de solidariedade ao próximo, da descoberta e divulgação da dignidade e igualdade entre todos os seres humanos, como também da conversão de todas as situações e condições existenciais humanas que se abrem numa dimensão do amor e de esperança, mesmo as mais negativas e promotoras de escândalo como a do sofrimento e morte.

- Meta J – *“Descobrir a simbólica cristã”.*

Dentro do tema está nuclearmente a cruz como uma das principais simbologias do cristianismo.

- Meta K – *“Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.”*

Tal como a meta anterior temos todo o património artístico que se liga à paixão, morte e ressurreição de Jesus, o qual se faz principalmente nas artes da pintura, escultura, música, literatura e cinema.

- Meta L – *“Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.”*

Dentro do tema esta meta é essencial na relação com a cultura moderna envolvente que se mostra totalmente adversa às questões do sofrimento.

- Meta N – *“Promover o bem comum e o cuidado do outro.”*

Embora este trabalho não incida na questão da solidariedade ao ser humano que sofre, pelas razões já explicadas na primeira parte, não é por isso que de certo modo ele também inclui esta Meta ao proporcionar ao aluno uma preparação existencial dando um valor e um sentido ao sofrimento.

- Meta O - *“Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.”*

Ajudar o aluno a tomar consciência da dignidade do ser humano em todas as situações, encontrar o sentido e o valor das mesmas e ser promotor da esperança.

2.2 - Diferentes Níveis de Ensino e respetivas Unidades Letivas

Penso que derivado ao seu teor que exige uma maior maturidade, o tema deste trabalho poderá e deverá ser incorporado em Níveis de Ensino mais altos, como os do Ensino Secundário ou do 9º Ano. No entanto isso não tira a possibilidade de uma abordagem sempre mais generalizada e de objetivos de aproximação ao tema em Níveis de Ensino mais baixos (ver Quadro 4), tendo em vista preparar o aluno para esta dimensão que o rodeia e faz ou fará parte de sua vida.

- a) Os Níveis mais altos do Ensino e respectivas Unidades Letivas onde de forma implícita se toca o tema e que poderão ser os usados para um trabalho com maior profundidade.

(Quadro 3)

NÍVEIS DE ENSINO	UNIDADES LETIVAS Nº	CONTEÚDOS
9º Ano	1 - <i>A Dignidade Humana</i>	- Os preconceitos sociais e religiosos face a (...), portadores de deficiência, idosos e doentes terminais. - Eutanásia. - Posição da Igreja na defesa da vida em todas as circunstâncias.
	2 – <i>Deus, o grande Mistério</i>	- Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal. - Destacar a bondade e a grandeza de Deus
	3 – O Projeto de Vida	- Os grandes objetivos do ser humano, sonhos da humanidade. (Inserir neste tema a questão da cruz como “projeto” de Deus para a vida de cada um)
Secundário	2 – <i>Valores e Ética Cristã</i>	- O seguimento de Jesus Cristo: Radicalidade e coerência de vida. - O fundamento da ética na esperança última
	4 – A Civilização do Amor	- O poder transformador do amor: dar a vida pelo outro
	6 – Um Sentido para vida	- O sentido da vida: ausência de sentido, - O apelo cristão para o sentido da vida: a dádiva de si - O projeto salvífico de Deus para a humanidade. - A plenitude da Ressurreição, sentido da vida humana: O caminho, a verdade e a vida; A morte e a esperança na vida eterna; A Ressurreição, sentido da vida. - Toda a vida tem sentido: O sentido da vida precária ou frágil; a recusa das “soluções finais”
	8 – A Comunidade dos Crentes em Cristo	- O seguimento de Jesus: as Bem-Aventuranças

- b) Outros Níveis mais intermédios e respetivas Unidades Letivas onde o tema do valor e sentido ao sofrimento está implícito e que poderão ser os usados para uma abordagem mais sintética de aproximação à questão.

(Quadro 4)

NÍVEIS DE ENSINO	UNIDADES LETIVAS Nº	CONTEÚDOS
5º Ano	4 – <i>Construir a Fraternidade</i>	- O mal, fragilidade e ameaça à fraternidade, que vai contra a dignidade e a felicidade da pessoa.
6º Ano	2 – <i>Jesus, um Homem para os Outros</i>	- A paixão e morte de Jesus.
7º Ano	2 – <i>As Religiões</i>	- As religiões abraâmicas: o Cristianismo (no seu símbolo, a cruz) - O Deus de Jesus Cristo: Deus de salvação, misericórdia e inequivocamente bom.
8º Ano	3 – <i>A liberdade</i>	Ser livre e libertar os outros: a referência de S. Maximiliano Kolbe

3 - Análise ao tema nos Manuais de EMRC.

Antes de qualquer análise ao tema nos atuais manuais de EMRC há que realçar em primeiro lugar que estes são apenas uma proposta de execução do Programa, entre outras possíveis. Porém e até agora, os Manuais editados pelo Secretariado Nacional da Educação Cristã (SNEC) são os únicos existentes para disciplina, o que faz com que na prática esta proposta de execução do Programa seja a mais largamente difundida e usada e a nível nacional. E é esta enorme dimensão no uso dos manuais como resolução do Programa aquilo que torna bastante relevante esta análise que se segue, pois no campo concreto do ensino e daquilo que chega concretamente ao aluno, são no fundo os Manuais a grande referência a ter em conta, muito mais que o Programa nos seus pressupostos teóricos que é o que se tem vindo a analisar e a trabalhar até agora.

Em segundo lugar há que dizer que esta análise será efetuada tendo por apoio o ponto anterior, ponto 2 da parte II, através da verificação agora nos Manuais dos pontos do Programa onde se poderão ou poderiam encontrar e encaixar as referências ao tema nos distintos Níveis de Ensino e correspondentes Unidades Letivas (Quadros 4 e 5). Não se toma em consideração o 1º Ciclo para o tema, devido à faixa etária ao qual está dirigido. Também todas as indicações que se fazem sobre onde se poderia tratar o tema nos distintos manuais são apenas de carácter informal e não deverão ser entendidas como sugestões de carácter obrigatório para que lá se tivesse de introduzir o tema, pois em termos práticos tal resultaria impossível uma vez que este tema tão nuclear abarca imensas situações da disciplina e se pode incorporar adequadamente em todos os manuais, pelo menos em uma Unidade Letiva de cada manual, como se irá ver.

Manual do 5º Ano – “Conta Comigo!”

Unidade Letiva (UL) 4 – *Construir a Fraternidade*

Conteúdo: - O mal, fragilidade e ameaça à fraternidade, que vai contra a dignidade e a felicidade da pessoa.

Análise e comentário:

- A questão do mal aparece de fato colocado de uma forma simples numa breve nota introdutória à questão das *Fragilidades e ameaças à fraternidade*, na Unidade Letiva nº 4 e, diga-se, é caso único em todos os Manuais. A faixa etária deste Nível de Ensino, que ronda a casa dos 10 – 11 anos de idade não é a mais apropriada, a meu ver, para um maior desenvolvimento do assunto que aquele que ali está exposto. Deverá sim é ser tomada em conta esta breve nota introdutória para apresentação do tema aos alunos.

Manual do 6º Ano – “Estou Contigo!”

UL 2 – *Jesus, um Homem para os Outros*

Conteúdo: - A paixão e morte de Jesus.

Análise e comentário:

- O conteúdo apresentado no Manual omite por completo a dimensão do sofrimento e sacrifício vicário que neste conteúdo é nuclear. Deveria apresentar também e em conjunto com o restante desenvolvimento do conteúdo uma síntese desta dimensão ao falar das razões da crucifixão e ressurreição de Jesus.

Manual do 7º Ano – “Quero Saber!”

UL 2 – *As Religiões*

Conteúdos:

- As Religiões abraâmicas - o Cristianismo - a cruz símbolo do cristianismo.
- O Deus de Jesus Cristo: Deus de salvação, misericórdia e inequivocamente bom.

Análise e comentário:

- Dentro do conteúdo das Religiões Abraâmicas, nomeadamente o cristianismo, o símbolo do cristianismo, a cruz, é apresentado numa forma eufemística que induz a uma visão alienante do real acontecimento e significado da cruz e além disso contém um erro crasso na exposição da fé cristã ao dizer que a cruz representa a vitória da Jesus sobre a morte.¹⁷³

- Dentro da mesma Unidade Letiva das Religiões, no conteúdo referente ao *Deus de Jesus Cristo, um Deus inequivocamente bom*, o assunto deveria tocar obrigatoriamente a questão da relação do sofrimento com Deus que é nuclear e que se omite por completo no desenvolvimento deste assunto, sendo que esta questão do sofrimento e da bondade de Deus, quando não corretamente trabalhada põe muito radicalmente em causa a afirmação do Deus inequivocamente bom e é em grau muito elevado a responsável pela aceitação do ateísmo nas sociedades e nos corações das pessoas. É de certo modo irónico ao excesso de positivismo que parece muitas vezes nortear os manuais a frase inicial deste conteúdo que quer mostrar Deus ao

¹⁷³ “O símbolo cristão é a **Cruz**. *Anda que pareça significar sofrimento ou fracasso, para os cristãos, a cruz é sinal de mais e representa a vitória de Jesus sobre a morte.*” Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Quero saber*, Manual do Aluno, 7º Ano de Escolaridade, Edições Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã, Lisboa 2015, pág. 75.

aluno como um Pai amoroso, como Abbá, seja aquela do Senhor proferida na sua agonia no Horto das Oliveiras.¹⁷⁴

Manual do 8º Ano – “Quero Descobrir!”

UL 3 - *A liberdade.*

Conteúdo: Ser livre e libertar os outros: a referência de S. Maximiliano Kolbe

Análise e comentário: É conhecido o exemplo de sofrimento e morte vicária encarnada de S. Maximiliano Maria Kolbe a favor de Franciszek Gajowniczek. Ainda que o texto neste manual se centro no ato como um gesto de liberdade e libertação de alguém, sua profundidade e particular radicalidade pediria um breve comentário sobre o sentido do sofrimento e do sofrimento vicário como serviço.

Manual do 9º Ano – “Quero Ser!”

UL 1 - *A Dignidade Humana.*

Conteúdos:

- Os preconceitos sociais e religiosos face a (...), portadores de deficiência, idosos e doentes terminais.
- Eutanásia e posição da Igreja na defesa da vida em todas as circunstâncias.

Análise e comentário: Penso que complementaria os dois conteúdos numa visão mais abrangente e total se houvesse também uma referência ao valor e sentido da vida numa situação de sofrimento. Os dois conteúdos assinalados a pedem também.

UL 2 – *Deus, o Grande Mistério.*

Conteúdo:

- Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal e Destacar a bondade e a grandeza de Deus.

Análise e comentário: Está realmente colocada nesta Unidade e neste Conteúdo uma referência explícita e bem trabalhada à questão do mal e sua relação com a questão de Deus através de um texto anónimo que relaciona o mal como a ausência do bem. Penso que falta no entanto uma abordagem ao sofrimento, ao valor e significado do sofrimento na vida de modo a haver uma resposta mais completa sobre as questões que colocam Deus em causa e de como elas se integram na existência.

¹⁷⁴ *Ibidem*, pág. 81.

UL 3 – *O Projeto de Vida.*

Conteúdo:

- Os grandes objetivos do ser humano, sonhos da humanidade.

Análise e comentário: No grande projeto que é a construção da felicidade há que abordar a questão do sofrimento que de uma forma ou de outra pode surgir na vida inesperadamente e sobre o qual há que saber integrá-lo para que este importantíssimo tema do projeto de vida não seja uma alienação. O carregar da cruz com todo o seu significado que Cristo exige a cada um, pode-se e sem grande exagero dizer, que faz parte do projeto de Deus para cada um. A omissão deste aspeto retira o encarar da realidade em todas as suas dimensões e vertentes, podendo até induzir que a mensagem cristã se reduza somente algo do foro da filantropia.

Ensino Secundário – Manual nº 2 – *Valores e Ética Cristã*

Análise e comentário: Penso que caberia no último ponto deste caderno, ponto 15 - “*De que ser humano fala a ética cristã*”, um subponto sobre a questão do valor da vida e de seu sentido em todas as dimensões para o ser humano e de como o ser humano está, mesmo em situações de aparente absurdo, chamado a dar-lhes um significado real na vida, porque parte de uma experiência real de superação da adversidade e absurdo acontecidas em Cristo e que colabora nele para essa vocação de “*alguém feito para algo maior*” (Ponto 15.3 – O ser humano como alguém feito para algo maior.)

Ensino Secundário – Manual nº 4 – *A Civilização do Amor*

Análise e comentário: Penso que uma alusão ao tema é também fundamental nesta Unidade Letiva que fala da construção de uma civilização alicerçada no Amor, pois toca numa das dimensões do Amor, de uma *caritas* verdadeira e completa, que tem a particularidade de ser mais pessoal e intimista para com o Criador e para com a história vivida por cada pessoa na sua existência. Uma civilização do amor terá de promover também e obrigatoriamente o amor nas situações em que o absurdo e o mal parecem sobressair, transformando-os através do amor e dando-lhes um significado e um valor. Esta dimensão do Amor não está abordada nesta Unidade. Penso que se poderia integrá-la no ponto 4: “*Critérios e princípios da Civilização do Amor*”, no subponto 4.1 como um dos critérios ou condições daquilo que deve ser ou conter uma civilização.

Ensino Secundário – Manual nº 5 – *A Religião como Modo de Habitar e Transformar o Mundo*

Análise e comentário: Poderia e deveria haver no ponto 1.7 deste Manual uma referência à questão do sofrimento e morte no seu sentido de serviço e amor, no tema da “*Fé como seguimento*”. A chamada a seguir a Jesus, após o encontro com este, tal como dito no Manual, tem características próprias sendo que uma delas é bem expressa pelo Senhor e sem a qual

ninguém pode ser discípulo: o carregar da própria cruz com todas as implicações que tal comporta. Má publicidade? Penso que a cena pitoresca que se conta de Sta. Teresa de Ávila com Deus sobre as dificuldades encontradas é em forma hilariante um reforço desta vontade de Cristo para com aqueles que o desejam seguir:

- *Senhor, no meio de tantos males e ainda por cima isto?*

Respondeu-lhe o Senhor: -*Teresa, assim trato meus amigos.*

- *É por isso que tendes tão poucos!* – Respondeu ela.¹⁷⁵

Ensino Secundário – Manual nº 6 – *Um Sentido para a Vida*

Análise e comentário: Esta é a Unidade por excelência que teria de conter uma completa alusão à questão do valor e sentido de uma vida em sofrimento. Em quase todos os seus pontos se poderia abordar a questão, mas penso que o ponto 5.3 – “*Dar um sentido à vida*”, seria o mais indicado para conter esta questão. Porém e à imagem do que vem acontecendo na maior parte dos desenvolvimentos dos Manuais, assim como do Programa e seus conteúdos, não se encontra abordada esta dimensão neste Manual e, claro, neste ponto 5.3 referido. O desenvolvimento de uma proposta pedagógica neste preciso ponto deste Manual que colmate este hiato constituirá a terceira parte deste trabalho.

Deixo no entanto ainda duas notas críticas a algo que se encontra na introdução do referido ponto 5.3 desta Unidade e que considero com alguma importância uma vez que manifestam sinteticamente, a meu ver, as razões da ausência direta do tema no Programa e no desenvolvimento das matérias nos Manuais. A primeira tem a ver com o desviar do assunto do tema do sofrimento e de um sofrimento vicário com sentido salvífico como foi o de Jesus, para algo adjacente e de plano secundário como é o enfrentamento às autoridades. Diz assim na página 44 do Manual: “*Os discípulos não entendem as ações do Mestre e até Pedro se atreve a censurá-lo por causa da decisão de enfrentar em Jerusalém o poder religioso e civil*”.¹⁷⁶ A colocação deste modo do texto evangélico referente a esta passagem reflete, na minha opinião a dificuldade em encarar o tema do sofrimento aceite e vivido com um sentido salvífico num mundo que não consegue ver mais nada nele senão um mal e um absurdo sem qualquer integração na vida. Por isso e agora a segunda nota, se diz mais abaixo, com um sentido de totalidade que “*o sentido da vida só aparece quando nos comprometemos a combater todas as situações que causam sofrimento aos seres humanos.*”¹⁷⁷ Ora se fosse assim, Pedro teria toda a razão na correção que fez a Cristo, pois estava tentando evitar uma situação de sofrimento ao Mestre. Mas ele pensava como os homens e não como Deus. Este tema não é fácil, mas subtrair ou omitir suas dissonâncias acho que tem alguma gravidade uma vez que se deturpa a mensagem canalizando-a somente para um lado.

Ensino Secundário – Manual nº 8 – *A Comunidade dos Crentes em Cristo*

¹⁷⁵ http://carmelosantateresinha.com.br/fiorett_36.html. Acessado no dia 22 de outubro, pelas 18.53h.

¹⁷⁶Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Um sentido para a Vida*, Manual do Aluno – EMRC – Secundário, Edições Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa 2015, pág. 44.

¹⁷⁷ *Ibidem*.

Análise e comentário: Também nesta Unidade caberia uma menção a esta questão do sentido e valor de uma vida em situação de sofrimento, uma vez que o valor e sentido cristão do sofrimento como serviço só pode ser vivido na própria Igreja e a partir dela para o mundo. Ele fará de certo modo parte da própria missão da Igreja, à imagem de St^a. Teresinha de Lisieux, que no isolamento do convento e no segredo do seu sofrimento oferecido se fez missionária e hoje é reconhecida pela Igreja como padroeira das Missões e no sentido de S. Paulo em que completa na sua carne o que falta à Paixão de Cristo. Teríamos então o ponto 4 desta Unidade, “*A reflexão da Igreja sobre sua identidade e missão – povo de Deus, Corpo de Cristo, Templo do Espírito Santo*”, como o mais indicado, a meu ver para esta menção. Também a mesma poderia caber no ponto 6.2 – “*A Igreja ao serviço do Reino de Deus*” – mais propriamente no subponto 6.2.1 – “*A Igreja Sacramento Universal de Salvação*”.

Conclusão da 2ª parte

Em todas estas análises que consiste esta segunda parte do Trabalho, análise ao Programa de EMRC, às Finalidades, Domínios, Metas, Níveis de Ensino com seus Conteúdos e Objetivos e Manuais, salienta-se o fator comum de uma omissa abordagem mais completa e mais séria do tema *do sentido e valor de uma vida em sofrimento*, sendo ele um dos temas nucleares e graves da fé cristã e um dos dois vetores que se abrem na questão do sofrimento. O vetor da pessoa que sofre e que é distinto daquele outro que se perspetiva na pessoa que “assiste”, a qual comumente se designa simbolicamente por “samaritano” em referencia àquele samaritano da parábola que Jesus contou. Podemos ver esta mesma estrutura das duas perspetivas, dos dois vetores na Carta Apostólica *Salvifici Doloris* de João Paulo II. Foi, aliás, a verificação da ausência desta perspetiva em EMRC aquilo está na origem deste trabalho. Ausência essa ainda mais contrastantemente acentuada pelo facto de a perspetiva ou o vetor do “samaritano”, daquele que está chamado a auxiliar o seu próximo sofrente, estar de facto prodigamente abordada e desenvolvida em todos os campos referentes à disciplina e em todos os Níveis de Ensino que ela abarca, sempre num insistente apelo da atenção e auxílio ao outro, ao próximo, como um fator fundamental desta tarefa do ser-se e fazer-se humano verdadeiramente a qual não pode coexistir com uma perspetiva egoísta da vida e de uma vida fechada em si mesma. Porém, há também nesta construção do humano, que é vocação, o outro lado, a perspetiva da questão do sentido e valor do sofrimento na pessoa que está sofrendo, ou seja, o valor e o sentido de uma vida em sofrimento.

Este exclusivismo insistente em EMRC da perspetiva do samaritano, o qual podemos ver paradigmaticamente nesta frase tirada do Manual nº 6 do Ensino Secundário “*O sentido da vida só aparece quando nos comprometemos a combater todas as situações que causam sofrimento aos seres humanos.*”¹⁷⁸

Penso que esta frase do sintetiza bem toda esta perspetiva que preside aos Manuais: Ora é necessário que as duas perspetivas estejam abordadas para que haja uma completude da mensagem cristã expressa nos Manuais e para os alunos: a do samaritano e as do Servo de Yahwé ou do “bom ladrão” na cruz.

¹⁷⁸ *Ibidem.*

Segue-se agora a terceira e última parte deste trabalho que consiste numa proposta prática de abordagem à questão envolvida neste Trabalho Final e que se verifica praticamente ausente do leque de matérias a lecionar na E.M.R.C.

3ª PARTE

UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Introdução

Uma vez apresentado o tema do valor e sentido de uma vida em sofrimento na sua crucial importância teológica e existencial, primeira parte deste trabalho e feita a análise dessa matéria no Programa de EMRC assim como nos Manuais da disciplina onde se verifica uma quase total ausência de uma abordagem efetiva da questão, segunda parte, cabe agora a terceira e última parte deste trabalho que consiste na apresentação de uma proposta pedagógica concreta para a apresentação e exploração do tema em sala de aula de EMRC.

Esta proposta pedagógica que aqui se apresenta, consiste numa aula de 90 minutos para o Ensino Secundário, dentro da Unidade Letiva nº 6, *“Um sentido para a vida”*. Escolhi e este Nível de Ensino por abranger uma faixa etária mais alta nos alunos o que implica uma maior maturidade, capacidade de reflexão e cultura para trabalhar a questão na profundidade exigida e dentro das possibilidades que oferece este Nível de Ensino, escolho a Unidade Letiva nº 6, *“Um Sentido para a Vida”*, como a mais apropriada na sua temática geral para conter esta aula, embora, como se pode ver nas análises feitas na segunda parte, o tema também pudesse caber perfeitamente noutros contextos e em outras Unidades deste Nível de Ensino. Pesa também na escolha desta Unidade o facto de que num plano ideal de seguimento das Unidades Letivas propostas para o Ensino Secundário, ela, em princípio, não ser lecionada no 10º Ano, senão somente no 11º ou 12º Ano mesmo, o que faz com que a faixa etária dos alunos que abrange estejam num estágio de desenvolvimento cultural, pessoal e capacidade de reflexão mais adequados à abordagem do tema do valor e sentido de uma vida em sofrimento.

Deste modo a proposta pedagógica que se irá apresentar em seguida irá consistir primeiramente numa apresentação mais detalhada da própria Unidade Letiva nº 6, tanto no Programa como na proposta de execução do mesmo sugerida pelo Manual, onde será indicado o local ideal da introdução desta aula no contexto e desenvolvimentos da Unidade. Toda esta primeira parte consiste no 3º Nível Planificação de Aula, - Planificação por Unidade Letiva, sendo que o quadro da mesma no final servirá de síntese desta parte. Num segundo momento ou parte, ir-se-á proceder à descrição e explicitação da aula em si, de seus materiais e estratégias propostas, as quais se poderão ver depois expressas sinteticamente através do 4º Nível de Planificação de Aula – Planificação de Aula.

1 - Apresentação do Programa e do Manual da Unidade Letiva nº 6 – “Um Sentido para a Vida” e local de inserção da Proposta Pedagógica nos mesmos.

1.1 - Programa da Unidade Letiva nº 6 – “Um sentido para a vida” ¹⁷⁹

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Identificar o desejo humano de busca da felicidade.	<ul style="list-style-type: none"> • O sentido da vida: <ul style="list-style-type: none"> - Sentido e sentidos, a questão da escolha. - A ausência de sentido. - A felicidade. - A perfeição ética: a busca do bem. - A relacionalidade humana.
L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fê. E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo. F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.	2. Identificar a Tradição e a Cultura como chaves de leitura para a procura do sentido. 3. Reconhecer Deus como horizonte último de sentido.	<ul style="list-style-type: none"> • O conceito de Tradição. • O conceito de Cultura. • O ser humano, um ser em situação. • O ser humano, um ser «com o outro». • O apelo cristão para o sentido da vida: <ul style="list-style-type: none"> - A dádiva de si: Mt 19, 21. - A promoção dos outros: Rm 13, 8-10. - A ousadia da reconciliação: Mt 5, 21-25. - O testemunho missionário: Gl 2, 20; 1 Cor 9, 16. - O Mandamento do Amor: Mt 19, 16-19; Mt 22, 37-40. • O sentido religioso da vida - Deus, o grande horizonte de sentido: <ul style="list-style-type: none"> - Sl 22 (21) A paixão do justo - a experiência da ausência de Deus. - A procura de Deus como sentido último da vida: S. Agostinho, «Tarde te amei», <i>Confissões</i>, Cap. 27, Solilóquio de Amor.
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana. F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.	4. Compreender, à luz da mensagem cristã, o sentido da vida como vocação. 5. Discernir a vocação como escuta de uma interpelação e resposta em liberdade.	<ul style="list-style-type: none"> • Vocação e sentido da vida: <ul style="list-style-type: none"> A vida como dom e chamamento de Deus. O projeto de vida. A vida como dádiva para os outros. A vocação de Pedro: Mt 4, 18-19; Jo 21, 15-23; Lc 5, 4-10. A missão dos Apóstolos: Lc 9,1-6. • A vocação como escuta e resposta em liberdade: <ul style="list-style-type: none"> A escuta e o reconhecimento de uma interpelação; A liberdade que se requer na resposta; A confiança que leva a aceitar a interpelação e a responder em liberdade: O exemplo de Zaqueu: Lc 19, 1-10. <i>Lumen fidei</i> nº 15: o sim a todas as promessas.
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	6. Compreender que há opções fundamentais na vida. 7. Verificar a importância da fidelidade às opções fundamentais na procura do sentido da vida.	<ul style="list-style-type: none"> Opções fundamentais e realização pessoal: <ul style="list-style-type: none"> Quais são as opções fundamentais: estado de vida, profissão, compromisso religioso. Quais as suas implicações para o sentido da vida. • Opções fundamentais e coerência de vida: <ul style="list-style-type: none"> Discernimento; Responsabilidade; Autoavaliação; Compromisso.
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	8. Identificar a salvação como meta e sentido da vida humana para o cristão.	<ul style="list-style-type: none"> • O projeto salvífico de Deus para a humanidade: <i>Spes salvi</i> 24-26. • A plenitude da ressurreição, sentido da vida humana: <ul style="list-style-type: none"> O Caminho, a Verdade e a Vida: Jo 14, 1-6. A morte e a esperança na vida eterna: 1 Cor 15, 19. A ressurreição, sentido da vida: Lc 24, 5-6.
		<ul style="list-style-type: none"> • Dar sentido à vida: <ul style="list-style-type: none"> Acima de tudo, o amor: 1 Cor 13, 1-12. O perdão e a reconciliação: cf. Ez 36, 26-27; Lc 11, 4; CIC 1439. A solidariedade: 45-49: <i>Sollicitudo rei socialis</i>

¹⁷⁹ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, págs.128 – 131.

<p>N. Promover o bem comum e o cuidado dos outros.</p> <p>F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.</p>	<p>9. Desenvolver atitudes gratuitas e fundamentadas, no dom de si, como construtoras de sentido.</p>	<p>A promoção dos outros: 32, 39: <i>Gaudium et spes</i> A misericórdia 44: <i>Evangelii gaudium</i> A diversidade de carismas: 1 Cor 12, 7. A alegria: 1-3, 9. <i>Evangelii gaudium</i> • O sentido da vida para o crente cristão: Lc 18, 18-22. Fl 1, 21. Gl 2, 20. 1 Cor 9, 16. • Toda a vida tem sentido: O sentido da vida precária ou frágil; A problemática do comportamento desviante; A recusa das «soluções finais»: Cap. I.</p>
--	---	--

1.2 – Proposta do Manual para o desenvolvimento do Programa da Unidade Letiva nº 6
– “*Um sentido para a vida*”¹⁸⁰

O Manual apresenta sua proposta de exploração desta Unidade Letiva dividida em 5 grandes capítulos do seguinte modo:

<p>1. A felicidade e o sentido da vida</p>	<p>1.1. À procura do sentido da vida 1.2. A pergunta pelo sentido 1.3. A vida: sentido e contemplação 1.4. O sentido da vida como sabedoria 1.5. O ter e o dar sentido 1.6. O ser humano: peregrino de si e do outro 1.7. Perdidos no labirinto da errância 1.8. Tradição e cultura à procura de sentido</p>
<p>2. Deus: Horizonte de sentido</p>	<p>2.1. Deus tem futuro? 2.2. Sentido no além...para além da finitude 2.3. Ressurreição e esperança na vida eterna 2.4. O sentido da vida encontra-se na alteridade, na perfeição.</p>
<p>3. Vocação e sentido de vida</p>	<p>3.1. A vocação e a missão de Pedro 3.2. O exemplo e a radicalidade de Zaqueu</p>
<p>4. Opções e opção Fundamental</p>	<p>4.1. As opções da vida em liberdade 4.2. Opções: compromisso com a vida</p>
<p>5. O dom de si como construtor de sentido</p>	<p>5.1. Toda a vida tem sentido 5.2. O sentido da vida para o crente cristão 5.3. Dar sentido à vida 5.3.1. O Amor 5.3.2. A ousadia do perdão e da reconciliação 5.3.3. A solidariedade e promoção do outro 5.3.4. A misericórdia 5.3.5. A alegria que se renova e comunica</p>

Nota: Verifica-se no capítulo 5 do Manual, “*O dom de si como construtor de sentido*”, que existe uma inversão na sequência da exploração dos temas relativamente à mesma apresentada pelo Programa. Tal facto apresenta alguma relevância neste trabalho, pois sendo este o capítulo

¹⁸⁰ Secretariado Nacional da Educação Cristã, “*Um sentido para a vida*”; Manual do aluno, pág. 5.

escolhido para a inserção da Proposta Pedagógica, não coincidirá por isso o local de apresentação da aula no Programa relativamente ao local no Manual.

1.3 – Inserção da proposta pedagógica para trabalhar o tema do sentido e valor de uma vida em sofrimento na Unidade Letiva nº 6 – “Um sentido para a vida”

Penso que esta Unidade Letiva com a proposta pedagógica deste trabalho se pode apresentar em 6 aulas, correspondendo cinco delas a cada um dos capítulos apresentados pelo Manual, reservando a última para a aula sobre o *sentido e valor de uma vida em sofrimento*.

Justifico esta opção pois para se trabalhar o tema há necessidade primeiramente de uma introdução à questão do sentido e de sua importância primaz na vida de cada pessoa e nas influências de sentido que cada um recebe pela cultura envolvente. Tudo isto seria abordado no capítulo 1, ou seja, na primeira aula.

Tal como referido na primeira parte do trabalho, o sentido e o valor de uma vida em sofrimento não se consegue entender ou aceitar sem uma visão e aceitação da vida humana para além dos parâmetros da limitação física deste mundo, isto é, sem uma abordagem da questão da escatologia e de tudo o que lhe está ligado. Este é o assunto do capítulo 2 do Manual e seria a segunda aula da Unidade.

Seguem-se também uma série de temas importantes que ajudam a preencher e a entender melhor o sentido da vida nos aspetos mais relevantes a ele ligados, como o são a vocação e a questão da opção fundamental, nomeadamente os capítulos 3 e 4 do Manual que corresponderiam às aulas nº 3 e 4 da Unidade.

Em síntese e como culminar da Unidade surge então o capítulo 5 que aborda diretamente a questão da universalidade do sentido da vida, onde nenhuma vida por qualquer que seja o seu desenrolar fica de fora de algum sentido possível. É também abordada nesta aula a questão do sentido da vida para o crente cristão e por fim a necessidade premente de dar um sentido à mesma. Tudo isto corresponderia à 5ª aula desta Unidade.

Por fim e na sequência de tudo o que se trabalhou e desenvolveu na Unidade se inserirá a proposta pedagógica sobre a questão do valor e do sentido de uma vida em sofrimento, em toda a sua amplitude e abrangências dentro deste capítulo 5 apresentado pelo Manual, mais propriamente na sequência e completude do último tema abordado que consiste na necessidade de premente de dar, ou melhor, de encontrar, um sentido para a vida, seja qual for a situação. Esta seria a 6ª aula da Unidade e com ela se encerraria a mesma.

1.4 - Planificação nível 3 – por Unidade Letiva

PLANIFICAÇÃO POR UNIDADE LETIVA – NÍVEL 3

ENSINO SECUNDÁRIO - UNIDADE LETIVA Nº 6 – UM SENTIDO PARA A VIDA

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	AULA	EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM	AULAS CENTRADAS	
					Prof	Aluno
<p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história</p> <p>L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.</p>	<p>Identificar o desejo humano de busca de felicidade.</p> <p>Identificar a tradição e acultura como chaves de leitura para a procura do sentido</p>	<p>O sentido da vida:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sentido e sentidos, a questão de escolha - A ausência de sentido - A felicidade - A perfeição ética. A busca do bem - A relacionalidade humana <p>Conceito de Tradição</p> <p>Conceito de Cultura</p> <p>O ser humano, um ser em situação</p>	<p>1</p>	<p>Visionamento de um pequeno filme abordando diferentes pessoas de diferentes culturas no seu modo de viver e entender a vida.</p> <p>Exploração partilhada do filme orientado para a questão do sentido e início da proposta de reflexão do manual para a mesma questão.</p> <p>Visionamento de outro pequeno filme sobre os campos de concentração nazi.</p> <p>Exploração individual da biografia, trabalho e sínteses de Vitor Frankl – a importância de se encontrar um sentido para a vida.</p> <p>Pequena atividade sobre a influência da cultura no modo como nos colocamos na vida.</p>	X	X
				<p>Reflexão sobre a importância da Tradição e da Cultura no nosso modo de ser e estar no mundo.</p> <p>Proposta de síntese de aula</p>		
<p>E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.</p> <p>F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.</p>	<p>Reconhecer Deus como horizonte último de sentido.</p> <p>Identificar a salvação como meta e sentido da vida humana para o cristão</p>	<p>O sentido religioso da vida – Deus, o grande horizonte de sentido</p> <p>A plenitude da Ressurreição, sentido da vida humana: O Caminho, a Verdade e a Vida; a morte e a esperança na vida eterna; a Ressurreição, sentido de vida.</p> <p>O apelo cristão para o sentido da vida: A dádiva de si; a promoção dos outros; A ousadia da reconciliação, O testemunho missionário e o mandamento do amor.</p>	<p>2</p>	<p>PowerPoint baseado no capítulo 2 do Manual com momentos de interactividade com os alunos de pontos de reflexão sobre a questão e a busca de Deus e sua posterior ligação com a questão do sentido.</p> <p>Reflexão em conjunto orientada sobre a questão da eternidade como desejo profundo humano e a Ressurreição de Jesus. Apresentação de motivos de crédito da Ressurreição</p> <p>Trabalho de grupo sobre a eternidade em Deus como meta última da humanidade e sua influência na questão do sentido da vida.</p> <p>Proposta de síntese de aula</p>	X	X
<p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p> <p>F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.</p>	<p>Compreender, à luz da mensagem cristã, o sentido da vida como vocação.</p> <p>Discernir a vocação como escuta de uma vida</p>	<p>A vida como dom e chamamento de Deus.</p> <p>O projeto de vida.</p> <p>A vida como dádiva para os outros.</p> <p>A vocação como escuta e resposta em liberdade</p> <p>A vocação de Pedro e Zaqueu.</p>	<p>3</p>	<p>Visionamento de alguns testemunhos vocacionais distintos.</p> <p>Trabalho de grupo sobre as diferenças entre vocação comum, vocação individual, profissão.</p> <p>Visionamento de um testemunho sobre o entendimento daquilo a que se designa a escuta da vocação.</p>	X	X

	interpelação e resposta em liberdade.			Análise orientada pelo Manual das vocações de Pedro e Zaquieu. Proposta de síntese de aula		
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	Compreender que há opções fundamentais na vida. Verificar a importância da fidelidade às opções fundamentais na procura do sentido da vida.	Opções fundamentais e realização pessoal: - As opções fundamentais: estado de vida; profissão; compromisso religioso; os outros. - Quais as suas implicações para o sentido da vida.	4	PowerPoint orientador de análise no Manual das questões de opção fundamental, opções em liberdade, opções em compromisso com a vida e as distintas fases que incidem sobre a tomada de opções. Elaboração de um projeto de vida pessoal abordando as distintas formas de vocação, realização pessoal.	X	X
N. Promover o bem comum e o cuidado dos outros. F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas	Desenvolver atitudes gratuitas e fundamentadas, no dom de si, como construtoras de sentido.	Dar sentido à vida O sentido da vida para o crente cristão Toda a vida tem sentido	5	Trabalho de grupo em sala de aula tendo por base o capítulo 5 do Manual sobre cada uma das afirmações de Sta. Teresa de Calcutá sobre a ausência do amor nos aspetos mais importantes que incidem na vida de cada pessoa. Elaboração de uma síntese de cada um dos tópicos dos conteúdos		X
F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas	Compreender à luz da mensagem cristã as dimensões, do sentido e do valor de uma vida em sofrimento.	- O sentido e o valor de uma vida em sofrimento	6	Visionamento de um pequeno vídeo do filme: "Mar adentro" e do documentário sobre <i>Beata Chiara Luce Badano</i> , com posterior atividade que consiste na defesa preparada, em género de tribunal, sobre as duas posturas no sofrimento visionadas.		

				PowerPoint sobre o sofrimento na sua tipologia, causas, características, escândalo provocado e a resposta nas tradições religiosas e sapienciais orientais ao mesmo. O depoimento de Vitor Frankl sobre a questão do sentido necessário ao sofrimento. Exploração dos textos bíblicos de Isaías 53. - O amor e a entrega de si nas condições mais radicais de existência e de Lc. 23 39 – 43 Tendo por apoio a Carta Apostólica <i>Saivifici Doloris</i> de João Paulo II e uma ficha guia dos aspetos mais relevantes a verificar: sentidos distintos no sofrimento; lugar privilegiado de encontro com Deus e a glorificação ou o sofrimento como não sendo a última palavra sobre a vida e abertura à esperança. Visionamento de um PowerPoint ou Prezi com dois testemunhos de vidas em sofrimento vividas com sentido e valor: S. Maximiliano Maria Kolbe e Sta. Teresinha do Menino Jesus. Elaboração de um pequeno texto sobre a questão relacionado com o projeto de vida de cada um.	X	X
--	--	--	--	---	---	---

2 - A proposta pedagógica em si: uma aula sobre o sentido e valor de uma vida em sofrimento.

2.1 – Estrutura geral da aula

A aula da proposta pedagógica para o tema do valor e sentido de uma vida em sofrimento estrutura-se em três pontos principais:

- Tomada de conhecimento da temática e de algumas implicações da mesma.
Feita através da apresentação de casos concretos de vidas em sofrimento com respetivo debate em sala de aula. Apresentação através de meios audiovisuais de tipos e características com que se apresenta a vida em sofrimento.
- Reflexões sobre o tema.
Exploração de textos e audiovisuais sobre a questão do sofrimento e de seus possíveis sentidos e valor- Vítor Frankl, PowerPoint sobre a resposta do hinduísmo e budismo à questão do sofrimento, textos do Evangelho de Lucas Lc. 23, 39 – 43; Is. 53 e excertos da Carta Apostólica *Salvifici Doloris* de João Paulo II.
- Elaboração de projeto
No final os alunos são convidados a encarar a questão do sofrimento e de seu sentido e valor, elaborando um parágrafo sobre o assunto para o adicionar ao seu projeto total de vida.

2.2 – Descrição da aula

Fase 1 - A aula iniciará com uma introdução generalizada da questão dentro do contexto de toda a matéria sobre o sentido da vida que se tem vindo a trabalhar e depois passará ao visionamento de dois pequenos excertos sintéticos dos filmes “Mar adentro” e do Documentário sobre a beata “Chiara Luce Badano” que abordam dois modos distintos de estar em vida com sofrimento. Será proposto aos alunos o confronto, em género de tribunal, com dois grupos, em que cada um terá de defender a resposta ao sofrimento segundo a perspectiva de cada uma destas pessoas tendo as duas posições de articular seus argumentos obrigatoriamente com os temas do sentido da vida e do universo, da esperança, da fé, do valor, do sentido pessoal da existência, do dom de si mesmo e da defesa da vida. Ficarão recolhidas as ideias síntese de cada posição.

Fase 2 – Será apresentado posteriormente através de um PowerPoint ou Prezi as mais relevantes particularidades sobre a questão do sofrimento: tipos distintos, causas distintas, características do mesmo; o escândalo que traz ao ser humano com intrínseca sede de felicidade e plena realização; a sua influência na visão moderna do mundo e a sua particular influência

nas questões sobre Deus. Será depois apresentado de modo sintético em PowerPoint ou Prezi a visão das religiões orientais face ao sofrimento, entre elas o budismo e o hinduísmo com a proposta aos alunos de elaborarem uma síntese desta postura e fazer sua crítica.

Fase 3 – Fazendo ponte com o anterior serão entregues nesta fase uma síntese da Biografia e das ideias base de Vítor Frankl onde se aborda a necessidade humana de dar um sentido a tudo, incluso e principalmente ao sofrimento, que é das que mais sofrem crise de sentido. Pedir-se-á depois aos alunos que sintetizem as ideias principais do texto.

De seguida serão apresentados excertos dos textos bíblicos de Is 53, de Lc. 23, 39 - 43 e os pontos principais da *Carta Apostólica Salvifici Doloris*, de João Paulo II correspondentes à leitura destes textos bíblicos a fim de auxiliarem sua análise e exploração e de os alunos encontrarem o sentido ou os vários sentidos cristão do sofrimento, o seu valor e como estes respondem à necessidade humana de dar um sentido ao sofrimento e também de como o sofrimento põe em evidência o ser lugar privilegiado de encontro com Deus e a questão da esperança aberta na glorificação final que o sentido cristão aponta.

Fase 4 - Serão apresentados depois em PowerPoint ou Prezi uma síntese biográfica de dois modelos de vidas que deram sentido e valor positivo à sua situação existencial de sofrimento, tornando-o um caminho com sentido e valor salvífico: S. Maximiliano Maria Kolbe que sofre e morre vicariamente e Sta. Teresinha do Menino Jesus que faz de seus sofrimentos e da doença mortal serviço de Amor a Deus e ao próximo.

Fase 5 - Por fim será proposta elaboração de uma síntese da aula com uma reflexão pessoal sobre a questão do sentido e valor de uma vida em sofrimento.

2.3 - Planificação nível 4 – por aula.

PLANIFICAÇÃO NÍVEL 4 – E.M.R.C.- ENSINO SECUNDÁRIO

Unidade Letiva nº 6 *Um Sentido para a Vida* 6ª Aula

METAS	OBJECTIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	TEMPO	AVALIAÇÃO
F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas	Compreender a luz da mensagem cristã as dimensões, do sentido e do valor de uma vida em sofrimento	- O sentido e o valor de uma vida em sofrimento	Acolhimento: síntese da aula anterior. Visionamento de dois pequenos vídeos sobre o tema de uma vida em sofrimento: vídeo síntese do filme "Mar adentro" e excertos do documentário sobre <i>Beata Chiara Luce Badano</i> . Debate em sala de aula das duas perspetivas perante o sofrimento. Visionamento de um PowerPoint sobre algumas das principais características relacionadas com o sofrimento e da abordagem à questão nas religiões orientais, nomeadamente o hinduísmo e o budismo. Entrega de uma síntese da biografia e dos princípios gerais das teses de Viktor Frankl. Elaboração de uma síntese das ideias principais. Leitura e análise orientada em grupo dos textos de Is. 53 e de Lc. 23, 39-43 usando uma ficha guia dos pontos mais relevantes tendo como apoio a Carta Apostólica Salvifici Doloris . PowerPoint sobre dois testemunhos de uma existência em sofrimento com valor e sentido: S. Maximiliano Maria Kolbe e de Stª. Teresinha do Menino Jesus.	Quadro Projetor Projetor Texto e caderno Texto e caderno Projetor Caderno	3 minutos 30 – 35 minutos 10 minutos 7 minutos 20 minutos 5 minutos 7 – 10 minutos	Verifica a atenção Verifica a participação Verifica a atenção Verifica a execução da tarefa Verifica a execução da tarefa Verifica a atenção Verifica a execução da tarefa

Síntese de aula: A vida humana pode ter sentido mesmo numa situação de sofrimento. A fé cristã oferece possibilidades de resposta à questão do sofrimento humano.

Sumário: Exploração de textos e de materiais audiovisuais sobre a questão do valor e sentido de uma vida em sofrimento.

CONCLUSÃO GERAL

Penso que o objetivo geral deste trabalho foi alcançado, o qual consistia em chamar a atenção para o que julgo ser uma grave ausência no Programa de EMRC de um dos temas-chave da existência humana e da fé cristã - o sentido e o valor de uma vida em sofrimento.

Certamente é reconhecido por todos que o tema não é fácil, nem consensual. Conta sobre a dificuldade deste assunto o teólogo Walter Dirks, que o grande teólogo Romano Guardini, já em leito de morte, confienciava-lhe que no juízo final irá interpelar, se lhe for permitido, acerca da resposta à questão que nenhum livro, nem mesmo a Escritura, nenhum Magistério, nenhuma teodiceia ou teologia lhe conseguiu dar sobre a necessidade para a salvação de tanto caminho horrível, o sofrimento dos inocentes, a culpa. Apesar de todas estas dificuldades reconhecidas, a questão em causa é vital para todos os seres humanos, como diz Vítor Frankl que aponta para a necessidade premente de se enfrentar esta realidade, de procurar e integrar um sentido para ela na vida, correndo-se o risco que esta perca seu sentido se assim não se fizer.

Esta questão do sentido e valor de uma vida numa situação de sofrimento, está profundamente ligada e enraizada na Igreja desde suas origens e nascimento. Esta possui uma enorme riqueza a oferecer a todos os seres humanos, riqueza essa não só ao nível de uma caridade solidária para com todos aqueles que sofrem, mas também ao nível de proporcionar uma via de sentido e valor na esfera do amor, do serviço e do encontro com Deus, aquando da vivência destas realidades negativas. A fé cristã diz, portanto, que no sofrimento se pode encontrar este sentido positivo, transformar sua carga negativa em algo valioso com valor salvífico tanto para o sofredor como para os outros. A fé proporciona, pois, a descoberta de um sentido que é caminho partilhado e que se faz mais no campo das finalidades que no porquê.

Tudo isto é, por conseguinte, de grande importância levá-lo às escolas e aos nossos alunos, proporcionando-lhes conhecimentos e horizontes de vida que são fundamentais e que marcam profundamente a diferença relativamente a uma cultura de morte que cada vez mais se faz sentir e é propagada.

Este no fundo é o objetivo de todo este Relatório – ajudar a enriquecer o Programa da EMRC que se desenvolve a favor dos alunos.

BIBLIOGRAFIA

1 - Documentos do Magistério

- Carta Apostólica *Salvifici Doloris*; João Paulo II, https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1984/documents/hf_jp-ii_apl_11021984_salvifici-doloris.html.
- *Catecismo da Igreja Católica*, Edições Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1993

2 – Documentos Curriculares

- Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Edições Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã, Lisboa 2014
- Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Horizontes de Esperança*, Manual do Aluno de EMRC, 9º ano, Edições Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã, Lisboa 2010
- Secretariado Nacional da Educação Cristã, “Um Sentido para a Vida”; Manual do Aluno de EMRC, Ensino Secundário, Edições Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã, Lisboa 2015

3 – Geral

- Amiot, François, *Batismo*, in *Vocabulário de Teologia Bíblica* de Xavier Leon-Dufour, Editora Vozes, Petrópolis 1992, págs. 91 - 95
- Aquino, Tomás, *Sobre o mal*, Tomo I, Edições Sétimo Selo, Rio de Janeiro 2005
- Carvalho, Cristina Sá, *Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica*, in *Pastoral Catequética. Revista de Catequese e Educação*, 31-31 (2015) págs. 29-61
- Carvalho, Olavo de, *O imbecil coletivo II*, Edições Topbooks, Rio de Janeiro 1998
- Frankl, Vítor, *El hombre doliente, Fundamentos antropológicos de la psicoterapia*, Edições Herder, Barcelona 2000
- George, Agustin, *Maria*, in *Vocabulário de Teologia Bíblica* de Xavier Leon-Dufour, Editora Vozes, Petrópolis 1992, págs. 556-561
- Gesché, Adolphe *El mal*, Edições Sígueme, Salamanca 2002
- Hurtado, Antón, *Los nuevos movimientos religiosos como productores de sentido*, in *Revista de Estudios de Juventud*, nº 53 (2001), págs. 33 - 43
- Kamati, Angelino Tchindombe, *O Sentido do Sofrimento Humano À luz da Carta Apostólica ‘Salvifici Doloris’*, Dissertação Final de Mestrado em Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Braga 2014
- Lourenço, João Duarte, “*O Sofrimento no Pensamento Bíblico – “Releituras Hermenêuticas” de Isaías 53*”; Edições Universidade Católica Portuguesa, Lisboa 2006

- Lourenço, João Duarte, *História e Profecia, o mundo dos profetas bíblicos*, Edição Universidade Católica, Lisboa 2007
- Manicardi, Luciano, *L'umano soffrire*, Edições Qiqajon, Comunidade di Bose, Magnano 2006
- Moreira, Neir e Holanda, Adriano, *Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa*, in *Revista Psico*, 3 (2010) págs. 345 - 356
- Pereira, Ivo Studart, *Mundo e Sentido na Obra de Viktor Frankl*, in *Revista de Psicologia*, 2 (2008) págs. 359 - 365
- Rahner, Karl “*Por que razão nos deixa sofrer Deus?*”, Editorial Franciscana, Braga 2011
- Rodrigues, Larissa Assunção e Barros, Lúcio Alves, *Sobre o fundador da Logoterapia: Vitor Emil Frankl e sua contribuição à psicologia*, in *Revista de Estudos* 36 (2009) págs. 11 - 31
- Serrada, Ignacio, “*El valor moral del dolor y el sufrimiento a partir de la Carta Apostólica «Salvifici Doloris» de Juan Pablo II*”; Tesina de Licenciatura en Teología Moral; Facultad de Teología San Dámaso; Madrid 2006
- Ternant, Paul, *Igreja*, in *Vocabulário de Teologia Bíblica* de Xavier Leon-Dufour, Editora Vozes, Petrópolis 1992, págs. 422-431
- Verlinde, Joseph-Marie, *La experiencia prohibida, del ashram al monasterio*, Ediciones Monte Carmelo, Burgos 2003